



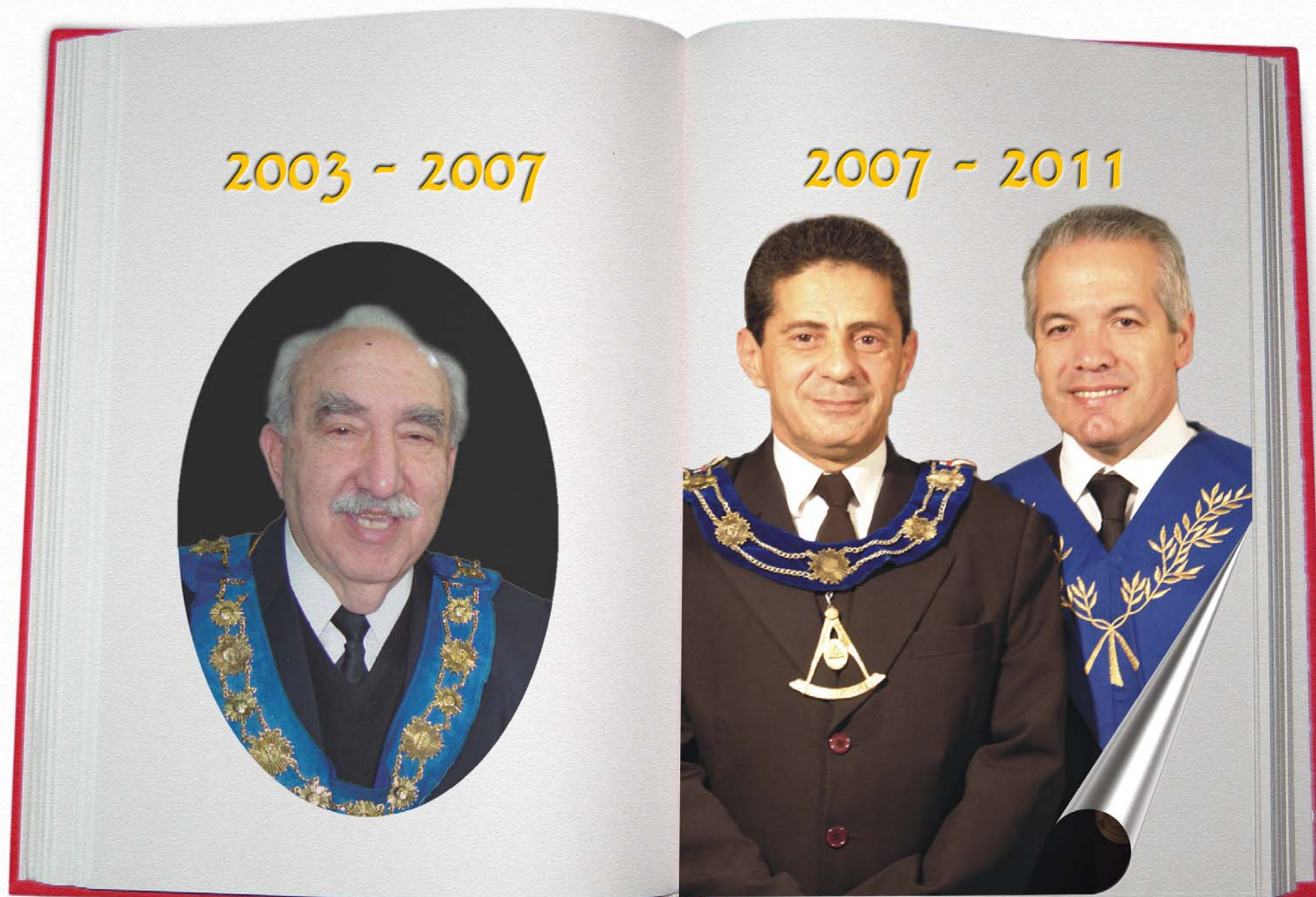
NOVA ERA MAÇÔNICA

GRANDE SECRETARIA DE CULTURA E EDUCAÇÃO MAÇÔNICAS

ANO 5 NÚMERO 37 - MAIO/JUNHO DE 2007

“O homem tem virtudes porque é feito à imagem de Deus... e tem defeitos porque é apenas a imagem de Deus”

O LIVRO DE OURO DA MAÇONARIA



*Cláudio Roque Buono Ferreira (Grão-Mestre)
e Benedito Marques Ballouk Filho (Grão-Mestre Adjunto)*

*Benedito Marques Ballouk Filho (Grão-Mestre)
e Mario Sergio Nunes da Costa (Grão-Mestre Adjunto)*

Expediente

Grande Secretário de Cultura e Educação Maçônicas:
Wagner Veneziani Costa

Presidente do Departamento Editorial:
Carlos Brasília Conte

Diretor de Arte:
Luiz Carlos Costa

Jornalista Responsável:
Alessandro Sani - MTB: 37401

1ª Assistente Editorial:
Rogério Quintino Corrêa

2ª Assistente Editorial:
Osmar de Carvalho

Revisão:
Arlete Genari

Toda e qualquer matéria publicada no jornal é de responsabilidade total do autor, assim como figuras e fotos. Jornal produzido com recursos próprios. Os Irmãos que quiserem colaborar com matérias para o jornal devem entrar em contato com o Resp. Ir. Carlos Brasília Conte, pelo e-mail: carlosbconte@yahoo.com.br
Apoio Cultural e patrocínio - Madras Editora

Editorial

O jornal *Nova Era Maçônica* completa, este mês, quatro anos de atividades ininterruptas à serviço da educação e da cultura maçônicas. Foram, até a presente edição, 37 números publicados, em cores, e quase mil páginas abordando temas históricos, filosóficos, esotéricos, artísticos e culturais relacionados à nossa Sublime Instituição.

Em plena euforia da comemoração deste quarto aniversário, foi com grande surpresa e enorme satisfação que tomei conhecimento, por meio do Boletim Oficial do Grande Oriente de São Paulo, do Ato nº 1011-2003/2007, de 19/10/2006, que me foi concedido o Diploma de Honra ao Mérito “Gonçalves Lêdo” e a Medalha que o acompanha.

Ao ser agraciado com tão alta honraria, acodem inicialmente à minha mente as sábias palavras de Wertheimer: “O êxito de qualquer empreendimento deve-se mais aos que comandam do que aos que são comandados.”

Recebo, pois, esta homenagem com gratidão e humildade; gratidão, porque sei que me foi concedida mais pela grandeza do coração do nosso Grão-Mestre Estadual, Eminentíssimo Cláudio Roque Bueno Ferreira, do que pelos poucos méritos que possuo; e humildade, porque tenho a plena convicção de que, sem o valoroso apoio dos meus colaboradores e sem a infra-estrutura da Madras Editora, colocada à minha disposição, nada disso teria sido possível.

Cumpramo também assinalar, por dever de justiça, o empenho, a competência e a generosidade do Grande Secretário de Cultura e Educação Maçônicas, o Poderoso Irmão Wagner Veneziani Costa, na consecução de todos os objetivos propostos frente ao nosso Departamento Editorial, responsável pela existência deste jornal.

Por último, estendo este galardão a todos aqueles que contribuem e participam de meu Departamento: articulistas, tradutores, diagramadores, revisores, digitadores e conselheiros. Veja, a esse respeito, reportagem na página 7.

Carlos Brasília Conte
Editor do jornal *Nova Era Maçônica* e Presidente do Departamento Editorial da Grande Secretaria de Cultura e Educação Maçônicas do G.O.S.P.

FÓRUM LIVRE

O BOBO DA ALDEIA

Nesta época do ano, em que a maioria das Lojas Maçônicas renova sua administração e elege novo Venerável Mestre, dando força e vigor aos sublimes objetivos da Arte Real, é sempre oportuno lembrar àqueles que assumirão o malhete a velha história do “bobo da aldeia”, pois é sabido que toda aldeia possui um cidadão, não muito esperto, que serve para, entre muitas outras coisas, divertir aqueles que se divertem com a ingenuidade do próximo e zombam da fragilidade humana... talvez porque assim se sintam intelectualmente superiores, talvez porque assim escondam melhor suas inferioridades, talvez porque agindo desse modo consigam melhor se auto-afirmarem... não importa! Vamos aos fatos:

O bobo da aldeia passava todos os dias defronte ao bar onde se reuniam aqueles que acima citamos e, infalivelmente, um deles abordava-o apresentando-lhe duas moedas: uma, pequena mas de grande valor; a outra, grande porém de pequeno valor.

Indagado com qual moeda gostaria de ficar, o bobo invariavelmente escolhia a moeda grande e se retirava às pressas, sem sequer se dar conta das gargalhadas que explodiam no interior do boteco.

Ora, um dia, um amigo do “bobo” (pois os bobos também tem seus amigos), indignado com aquele fato que sempre se repetia, chamou-o de lado e lhe disse:

— Mas você não percebe, meu caro amigo, que eles estão se divertindo às suas custas porque você sempre pega a moeda de menor valor? ... fique esperto! ...da próxima vez pegue a moeda menor, que é muito mais valiosa que a maior!

O “bobo”, sorrindo, então respondeu:

— Mas é você, querido amigo, que não percebe as coisas. No dia em que eu pegar a moeda menor... a brincadeira acaba!

Veneráveis Mestres das Lojas Maçônicas, em cujos ombros recaem os fardos de presidir, dirigir e administrar as células-mater de nossa Sublime Instituição! Não se esqueçam nunca das lições que esta simples história pode nos oferecer:

Muitas vezes, eu sei, finges ignorar manobras políticas armadas com o intuito de desestabilizá-los, finges não ouvir críticas veladas às vossas decisões, finges não perceber sussuros zombeteiros à vossa administração. Finges não saber, embora saibas, unicamente para não acirrar ainda mais os ânimos, para não desarmonizar ainda mais a Loja, para não “jogar ainda mais lenha na fogueira”. Contudo, esse é o preço que paga um verdadeiro Venerável Mestre, é o preço que pagam, e sempre pagarão, os líderes, os dirigentes, os estadistas.

Não dar ouvidos à maledicência, à calúnia, às zombarias é atitude nobre que denota humildade e desapego...desapego das vaidades, do egocentrismo, do culto à personalidade, vícios estes tão enraizados nos homens, que acabam camuflando-se em virtudes.

CARLOS BRASÍLIO CONTE

Escritor. Autor do livro *A Doutrina Maçônica*.
Madras Editora.

DOAÇÃO

TOLERÂNCIA MÁXIMA, VIGILÂNCIA TOTAL

Por Wagner Veneziani Costa

Meus Irmãos,

Seja por mania, pela moda do momento, por tradição, ou por admiração, muitas pessoas acabam se tornando colecionadoras de objetos os mais diversos. Sou uma dessas pessoas. Em um instante da minha vida, resolvi colecionar cédulas de dinheiro do nosso país. Ao todo, reuni **65** notas que circularam no período de **1944** a **1993**.

Talvez na época em que comecei a colecionar essas cédulas eu não me atentasse ao seu valor histórico para as gerações futuras do Brasil que vissem a se interessar pela Numismática, ciência que tem como objeto de estudo as moedas, cédulas e medalhas, principalmente as brasileiras. Isso é tão importante que, em 19 de janeiro de 1924, foi fundada a Sociedade Numismática Brasileira, reconhecida de utilidade pública em 1951. Trata-se de uma entidade civil, sem fins lucrativos, mantida pelo seu corpo de associados e aberta a pessoas ou instituições que desejam integrar seu quadro social. Tem como finalidade exclusiva a promoção e desenvolvimento de programas que estimulem e difundam a Numismática.

Hoje, porém, tenho essa consciência e, por isso, decidi doar essas cédulas de meu acervo para a Grande Secretaria de Cultura e Educação Maçônicas do GOSP-GOB, que a mim foi confiada, para que essa coleção possa ser integrada ao acervo do Grande



O Grão-Mestre do GOSP, Cláudio Roque Bueno Ferreira exibindo a coleção doada pelo Grande Secretário de Cultura e Educação Maçônicas Wagner Veneziani Costa.

Oriente de São Paulo e disponibilizada para apreciação, pesquisas, etc.

É com imensa satisfação também que informamos aos Irmãos que durante nossa gestão na Grande Secretaria de Cultura e Educação Maçônicas do GOSP não medimos esforços para conquistar nossos objetivos. Nesse período pudemos oferecer diversos cursos, tanto para maçons como para seus familiares e para o público em geral, sobre temas variados.

Promovemos mais de 50 eventos nesses quatro anos, entre cursos, palestras, concertos musicais, viagens, entre outros. Ressaltamos que o GOSP não teve nenhum gasto com a nossa Grande Secretaria; tudo foi feito com recursos próprios dos seus integrantes.

Nossa alegria se complementa ao vermos que, por meio da Madras Editora, da qual sou diretor-presidente e editor-geral, pudemos trazer ao público de língua portuguesa obras interna-

cionais de referência para estudos e pesquisas maçônicas. Quem visitar o site da Grande Loja Unida da Inglaterra, verá que os livros lá indicados já se encontram traduzidos e publicados no Brasil pela nossa editora.

Conseguimos também disponibilizar diversas obras para *download* no site do GOSP (www.gosp.org.br), totalmente gratuito. Inserimos uma obra muito interessante sobre a Administração de Loja Maçônica, *Manual de Hiram – Um Guia para o Venerável Mestre*, de autoria de um ex-Grão-Mestre, o Irmão Wayne T. Adams, que gentilmente nos deu permissão para viabilizar o seu trabalho na nossa *Home Page*. O tradutor da obra é o Irmão Alberto Conehero, que também nos cedeu os direitos de sua tradução.

Existem mais dois títulos de conteúdo histórico à disposição no site do GOSP: *A Iniciação de Jesus*, do Dr. R. Swinburne Cillymer, e *Secrets et Mystères de la Maçonnerie*, de Devolier.

Outras ações que nos deixaram imensamente satisfeitos foram a ampliação e a reforma da Biblioteca do Grande Oriente de São Paulo, da Hemeroteca, da Pinacoteca, da Numismática e do seu Museu, que tiveram um crescimento considerável do número de obras e peças em seus acervos, que ficarão para a posteridade, para consultas, estudos e pesquisas dos maçons do futuro.



Da direita para esquerda: Wagner Veneziani Costa, Cláudio Roque Bueno Ferreira, Mario Sérgio Nunes da Costa, Carlos Brasilio Conte e César Luis Bueno Gonçalves



Autoridades Maçônicas e Oficiais da Grande Secretaria de Cultura e Educação Maçônicas do GOSP presentes no evento.

Não podemos deixar de mencionar o jornal *Nova Era Maçônica*, que desenvolvemos com o intuito de manter os Irmãos sempre atualizados a respeito dos assuntos maçônicos e também de utilidade pública, culturais e sociais. Em sua 37ª edição, foi disponibilizado em versões impressas eletrônicas (veja todas elas no site do GOSP).

Também pudemos colaborar na preparação do Boletim Oficial, que, nos últimos meses, passou a ser distribuído eletronicamente, dentro da proposta GOSP ON-LINE, permitindo que os Irmãos recebam as nossas novidades em tempo real, mantendo-se bem informados das novidades do GOSP.

O *Manual Completo para Lojas Maçônicas* foi outro empreendimento da nossa Grande Secretaria que nos encheu de alegria, por poder oferecer

às Lojas e aos Irmãos um farto material que pudesse ser consultado para sanar suas dúvidas e facilitar seus trabalhos em Loja. Procuramos concentrar nossos esforços e nossas energias em ações que contribuíssem para o enriquecimento da Cultura e da Educação maçônicas, não perdemos o nosso tempo precioso com ações fúteis, como tem feito alguns Irmãos, que, pasmem, ficam contando quantas vezes o nome da Madras aparece nos veículos de comunicação, quando poderiam utilizar esse tempo para cumprir seus papéis na nossa Sublime Ordem.

Eles se esquecem de observar que todo esse trabalho que dedico à Maçonaria é voluntário, pois, como já disse, para o meu sustento já tenho o meu trabalho como empresário.

Evidentemente aceito críticas, mas que essas sejam construtivas, com fundamentos. Certamente farei críticas a esses mesmos Irmãos que hoje me avaliam, mas sempre com o intuito de colaborar para o progresso da Ordem, jamais por “paixões” particulares.

Às vezes me pergunto se todo esse esforço valeu à pena, dedicar o meu tempo a pessoas como essas. Mas ao mesmo tempo me sinto feliz por ter sido uma árvore que deu frutos à nossa Sublime Ordem, e me lembro de que “somente se jogam pedras em árvores que dão bons frutos”.

Sabemos que o tempo é um grande ministro do Universo. Vamos ver, então, quais serão as realizações desse Irmão que hoje nos ataca, pois acredito que um homem é medido também pelo seu trabalho. Isso sim é se declarar publi-

camente. Certamente terei TOLERÂNCIA MÁXIMA para com os seus erros, mas ao mesmo tempo terei VIGILÂNCIA TOTAL! Isso é um dever de todos nós! Digo ainda mais: cerque-se de bons hábitos e bons assuntos, e será sempre bem querido por todos, mesmo teus inimigos te respeitarão.

Agradeço, neste momento, ao Grande Arquiteto do Universo, que me tem cumulado de bênçãos e me concedeu a felicidade e a honra de ter servido à minha Ordem na condição de Grande Secretário de Cultura e Educação Maçônicas do GOSP. Que Ele, na sua infinita bondade e onipotência, abençoe a Maçonaria e a todos nós.

Eu Sou

Wagner Veneziani Costa

Grande Secretário de Cultura e Educação Maçônicas do GOSP-BOB

WAGNER VENEZIANI COSTA

CIM – 176691

ARLS ALVORADA – nº 1352

APRENDIZ – 09/03/1994

COMPANHEIRO – 12/04/1995

MESTRE – 27/09/1995

CARGOS

MESTRE-DE-CERIMÔNIAS - 10/05/1995

ORADOR - 14/05/1997

DEPUTADO FEDERAL - 12/05/1999

M/ \ ARLS MADRAS 3359 - 2001/2002 - 2002/2003

GARANTE DE AMIZADE (THE GRAND LODGE OF TEXAS) – 27/08/2002

MEMBRO DO ILUSTRE CONSELHO (GOSP) – 2003/2006

GRANDE BENEMÉRITO ESTADUAL DA ORDEM - Espírito Santo - 2007

GRANDE SECRETÁRIO DE CULTURA E EDUCAÇÃO MAÇÔNICAS (GOSP) – 2003/2007

GRAUS FILOSÓFICOS

GRAU 4 - 09/12/1996 GRAU 17 – 23/03/2001

GRAU 9 - 14/05/1997 GRAU 18 - 25/06/2004

GRAU 10 - 05/08/1997 GRAU 19 - 17/02/2005

GRAU 14 - 29/03/1999 GRAU 22 - 10/08/2005

GRAU 15 - 19/04/2000 GRAU 29 - 01/02/2006

GRAU 16 – 20/07/2000 GRAU 30 - 16/11/2006

GRAU 31 - 16/06/2007

Miembro de Honor da Loja Igualdad nº 133 / Paraguay – Desde 24/08/2003

Honorary Membership of Antalya Lodge nº103 – Desde 21/04/2005

Membro Honorário da Loja Estrela do Porvir nº 3003 – Desde 29/10/1997

Membro Honorário da Loja Tupan nº 3244 – Desde 04/06/2005

Membro Honorário da Loja os Templários nº 2722 – Desde 25/08/1998

Venerável de Honra da Loja Mestre Pythagoras nº 3134 – 13/09/2005

Venerável de Honra da Loja Madras nº 3359

Venerável de Honra da Loja Amon-Rá nº 3336

Venerável de Honra da Loja Acqua Illuminati nº 3651

Venerável de Honra da Loja Mount Moriah nº 3327

Venerável de Honra da Loja Colunas Libanesas nº 3648

Venerável de Honra da Loja São João D’Acre nº 2714

Venerável de Honra da Loja João Otávio dos Santos nº 2916

Venerável de Honra da Loja Paul Harris nº 2146

Mestre Maçom da Marca da Loja Barão de Mauá – SP – 2004

Mestre Maçom da Marca da Loja Madras nº 1859 – 2005

Venerável Mestre da Marca da Loja Madras nº 3 - 2006

Mestre Maçom do Arco Real – do Grande Capítulo da Loja Pégasus nº1 / Brasília/DF 2004

Cavaleiro Templário e Cavaleiro Malta– do Grande Capítulo da Loja Pégasus nº1 / Brasília/DF 2004

Eminente Preceptor do Preceptório Cosmos do Grande Oriente do Brasil - 2007

Segundo Principal do Supremo Capítulo Cosmos dos Maçons do Arco Real - Exmo. Argeu - 2007

Past Grande Registrador do Supremo Grande Capítulo dos Maçons do Santo Real Arco de Jerusalém do Estado de São Paulo/Brasil – 2005

Grande Guarda Interno da Grande Loja de Mestres Maçons da Marca do Brasil Grande Oficial do Grande Oriente do Brasil dos Mestres Maçons da Marca - Grande Mestre Supervisor - 2007

Membro Correspondente da Loja de Pesquisas Maçônicas Quatuor Coronati Lodge nº 2076 (Inglaterra)

Past Master, pelo Capítulo Mount Moriah de Maçons do Real Arco

Mestre da Marca, pelo Capítulo Mount Moriah de Maçons do Real Arco

Ordem da Trolha de Prata, no grau de Excelente Companheiro, pelo grande Capítulo dos Maçons Crípticos do Brasil, filiado ao General Grand Council of Criptic Masons International

Diploma de Maçom do Real Arco, pelo Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil, junto a The General Grand Chapter of Royal Arch Masons International

Super Excelente Mestre, pelo Grande Conselho de Maçons Crípticos do Brasil, filiado ao General Grand Council of Criptic Masons International

Vice Presidente da Academia Maçônica de Letras – São Paulo – Brasil – 2004/2007

Jubileu de Prata do Grande Oriente do Estado de Mato Grosso do Sul - 2005

Jornalista Responsável do jornal - *Nova Era Maçônica* - 2003/2007

Jornalista Responsável da revista - *Palavra Maçônica* -2004/2006

Sumo Sacerdote do Capítulo dos Maçons do Real Arco Mount Moriah nº 19 - 2007

Grande Colégio dos Sacerdotes Cavaleiros Templários do Santo Arco Real - Tabernáculo Brasil - 2006

PIRATARIA

O ROUBO NOSSO DE CADA DIA

Por Valdemar Augusto Angerami

Em um momento em que assistimos aos mais diferentes tipos de descabros à nossa dignidade pelos nossos políticos, artistas e demais personagens de vida pública, gostaria de refletir sobre um roubo que ocorre em nossas universidades, muitas vezes, até por professores que falam de probidade e dignidade em sala de aula. Talvez seja desconhecimento, ignorância, e isso, apesar de serem doutores, mas o fato é que o desconhecimento da lei não justifica o seu não cumprimento, segundo assevera um dos mais sábios princípios do Direito.

E assim, esses professores que falam tanto em probidade cometem um roubo diário e nos deixam atônitos com a total impunidade com que isso ocorre. Falo do xérox de nossos livros. O mais comum, hoje em dia, é ver professores apresentarem aos seus alunos pastas com xérox dos capítulos que irão utilizar em suas aulas para que os alunos façam a devida reprodução xerográfica. E o argumento mais espúrio é que o xérox custa mais barato que o livro. Sem dúvida alguma, isso é verdadeiro, pois isso é roubo.

Da mesma maneira que ao ir comprar uma roupa, se ao invés de pagá-la, eu, simplesmente, roubá-la, também sairá mais barato. Nos dois casos, estamos diante de situações de roubo, de descabro, que merecem punição por se tratar de contravenção.

Trocando esses argumentos por números, tenho, segundo projeções realizadas a partir das vendas dos meus livros no Brasil e na Europa, a estimativa de que estou deixando de receber cerca de R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais) por ano em função

da reprodução copiográfica. Não, não há erro nesses números, são 40 mil reais, sempre segundo essas projeções, o montante em que estou sendo lesado por esse tipo de atitude.

Pago anualmente cerca de R\$1.500,00 (um mil e quinhentos reais) por uma apólice de seguro que protege meu automóvel contra incêndio, roubo e colisão. No entanto, infelizmente, não existe apólice de seguro que me proteja contra esses ladrões universitários. Temos uma legislação que proíbe a xerografia, mas que, como quase tudo que ocorre no Brasil, não é cumprida.

Assisto ao absurdo de ver professores que recorrem a mim para pedirem que a editora lhes envie os nossos livros para adoção, para depois, simplesmente, xerocarem os capítulos que serão adotados para repassarem aos alunos para a devida xerografia.

Trata-se de roubo. Estamos sendo roubados em nosso sagrado direito de vivermos com a renda do direito autoral, pois esse tipo de safadeza espalhou-se como se fosse a coisa mais natural desse mundo.

Cheguei mesmo a presenciar em uma universidade federal uma professora mandando os alunos xerocarem um capítulo de um livro meu e ainda ter a ousadia de sugerir que eles me pedissem dedicatória. É dizer que além de ela me roubar, chamar-me de idiota, ainda pede para que eu dê um visto de convivência a esse ato. É tanta insensatez que chega a ser difícil acreditar em inocência.

É necessário que falemos em probidade e em dignidade nas salas de aula, mas é igualmente importante que a nossa fala seja seguida por atos se-

melhantes e não com roubos aos autores que produzem a bibliografia estudada.

Tenham sempre claro que todas as vezes que vocês xerocarem um livro, vocês estão roubando o direito autoral de quem escreveu. E não adianta argumentar sobre as dificuldades financeiras pelas quais passam os nossos universitários, pois os adolescentes que nos roubam nos semáforos igualmente passam por dificuldades financeiras. E da mesma forma que, ao sermos roubados, pedimos que o ladrão leve o dinheiro, mas nos deixe os documentos, também solicito que, ao xerocarem um livro meu, depositem o valor do direito autoral (dez por cento do preço de capa) para alguma entidade filantrópica, pois assim, apesar de estar sendo roubado, contribuirei para alguma causa nobre.

É comum ouvir-se que ninguém vive de direito autoral no Brasil. Isso quase sempre é verdade devido ao número de professores que nos roubam ao longo do nosso País. Basta comparar-se ao exemplo de Portugal, que nós, brasileiros, ainda temos a petulância de chamar seus habitantes de burros, onde o xérox custa mais caro do que o livro, possibilitando, assim, que as pessoas possam adquirir o livro em vez de xerocá-lo.

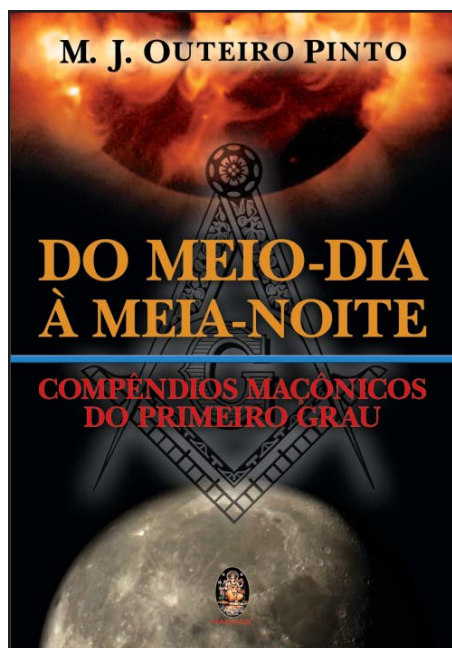
No Brasil, o país dos inteligentes, o livro é infinitamente mais caro pelo fato das editoras se resguardarem desse tipo de gatunagem que ocorre em nossas universidades.

Aquele que xeroca um livro é um ladrão da mesma estirpe daquele que lesa o nosso patrimônio em outras modalidades. Reflitam sobre essas palavras.

“O primeiro homem que, tendo erguido uma cerca em volta de seu terreno e proclamado ‘isto me pertence!’, encontrou gente ingênua o suficiente para acreditar nele, foi o fundador da sociedade civil”.

Jean-Jacques Rousseau (Filósofo suíço)

RESENHA LITERÁRIA



Do Meio-Dia à Meia-Noite

Compêndios Maçônicos do Primeiro Grau

M. J. Outeiro Pinto

Tendo participado ativamente de vários momentos importantes da História do mundo, a Maçonaria mantém-se atuante no século XXI, em virtude da incessante busca de seus Obreiros pela verdade, por meio da espiritualidade. No entanto, o processo para se atingir um grau mais elevado dentro da Ordem possui determinadas normas e regras, pois há a necessidade de se assimilar completamente as informações tratadas nos estudos em Loja antes de se ter acesso aos ensinamentos dos graus superiores.

Em nossa vida, passamos por várias etapas até chegar à maturidade: infância, adolescência, juventude. São fases inevitáveis que, se bem aproveitadas, nos conduzem à sabedoria.

É o que ocorre na Maçonaria: após a Iniciação, o neófito torna-se um Aprendiz, em seguida Companheiro e, finalmente, Mestre. Os ensinamentos e os conhecimentos adquiridos, gradativamente, nos respectivos graus acarretarão uma mudança interior no maçom, tornando-o uma pessoa mais esclarecida.

Em *Do Meio-Dia à Meia-Noite – Compêndios Maçônicos do Primeiro Grau*, o autor compilou uma série de estudos, cujo teor considera pertinente para apresentar aos mais novos membros da Ordem o conhecimento que os despertará e os motivará a continuar sua jornada individual.

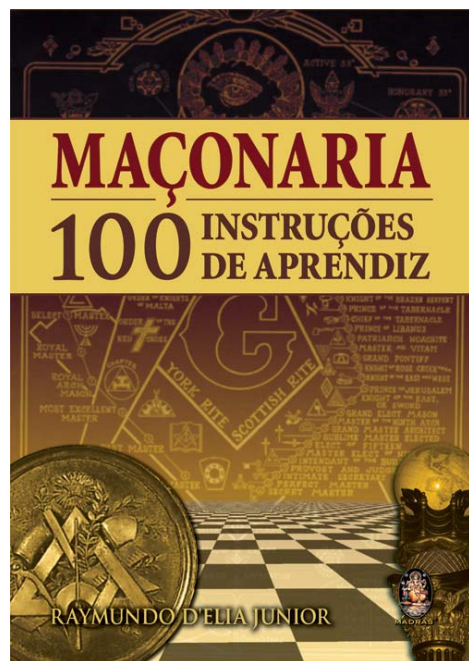
Conhecendo a Arte Real

A Maçonaria e suas Influências Históricas e Filosóficas

João Anatalino

Como instituição, a Maçonaria só passou a existir a partir do século XVIII com o advento das constituições instituídas pelos maçons ingleses, liderados pelo pastor anglicano James Anderson. Suas raízes repousam na necessidade política e filosófica e no impasse religioso que se disseminavam no todo social naquele período, e suas práticas, baseadas nos grandes mistérios da Antiguidade herdados do Gnosticismo, têm como horizonte a construção de uma sociedade perfeita, harmônica e justa, fundamentada nos ideais estéticos clássicos, nas virtudes do Cristianismo e na moral do Esclarecimento, em que a superação da fratura existente entre espírito e matéria esteja consumada.

Em *Conhecendo a Arte Real*, João Anatalino busca traçar o caminho percorrido por essa respeitável Ordem desvendando as origens de seus ritos, mistérios e ideais, os quais, durante séculos, tiveram influência preponderante na história do pensamento humano, a partir do estudo de três objetos que se entrelaçam poderosamente: a prática, a instituição e o ideal maçônicos. O autor procura demonstrar que a Maçonaria Especulativa não é uma mera adaptação da Ordem Operativa, mas resultado de “uma organização paralela que nasceu dentro das corporações obreiras de profissionais de construção, porém com objetivos diferentes”, além de desvendar as relações entre Maçonaria, Alquimia, Gnose e diversas outras tradições. Uma obra fundamental para todos os que se interessam pelo verdadeiro significado da Arte Real.



Maçonaria

100 instruções de aprendiz

Raymundo D'elia Júnior

O autor reuniu nesta obra um total de 100 instruções que nortearão o Aprendiz em sua senda maçônica, facilitando o seu estudo e entendimento a respeito do Primeiro Grau da Maçonaria.

Entre as orientações, o Aprendiz aprenderá que ele deve estar desprovido de quaisquer sentimentos contrários aos princípios norteadores da Sublime Ordem para que entenda o exato sentido da Verdadeira Luz, recebida na Iniciação.

As instruções permeiam o Teor Simbólico, o Teor Filosófico, o Teor Prático e o Teor Institucional, de modo que o Aprendiz possa tomar contato com os aspectos fundamentais do Primeiro Grau. Trata-se de um guia a todo maçom, bem como às Lojas Maçônicas, para que ofereçam material de estudo aos Irmãos Aprendizes.

HOMENAGEM

JORNAL *NOVA ERA MAÇÔNICA* É HOMENAGEADO NA PESSOA DE SEU PRESIDENTE EDITORIAL



Nosso editor, IR.: Carlos Brasília Conte recebe das mãos do Eminentíssimo Cláudio Roque Bueno Ferreira, Grão-Mestre Estadual do Grande Oriente de São Paulo, a honrosa homenagem (vide editorial página 2) e compartilha-a com a equipe responsável pelo jornal (foto abaixo)



*Da direita para a esquerda:
Poderoso Irmão Wagner Veneziani Costa, Luiz Carlos Costa,
Arlete Genari, Priscila Chlamtac Maffra, Júlia Meneguel, Irmão Carlos
Brasília Conte e Irmão Rogério Quintino Corrêa.*

Dados biográficos do Ir.: Carlos Brasília Conte:

- MESTRE INSTALADO DESDE 28 DE JULHO DE 2000 E.:V.:
- ATUAL V.:M.: DA A.:R.:L.:S.: MADRAS Nº 3359
- ORADOR DA A.:L.:P.: BARÃO DE MAUÁ
- EX-ORADOR DA A.:L.:P.: PAULISTANA
- MARK MASTER MASON DA GRAND LODGE OF MARK MASTER MASONS OF ENGLAND AND WALES AD ITS DISTRICTS AND LODGES OVERSEAS, NUMBER 1214985.
- PRESIDENTE DO DEPARTAMENTO EDITORIAL DA GRANDE SECRETARIA DE CULTURA E EDUCAÇÃO MAÇÔNICAS DO GRANDE ORIENTE DE SÃO PAULO
- MEMBRO DA ACADEMIA PAULISTA MAÇÔNICA DE LETRAS
- FUNDADOR DA A.:R.:L.:S.: ESTRELA DO BRASIL Nº 3214
- MEMBRO HONORÁRIO DAS AA.:RR.:LL.:S.S.: REAIS CONSTRUTORES Nº 2705, LEALDADE PAULISTANA Nº 2920 E SÃO JOÃO BATISTA Nº 3594
- DETENTOR DA MEDALHA E DIPLOMA GONÇALVES LÊDO
- EX- DEPUTADO DA PAEL (LEGISLATURA 1999/2003)
- APRESENTADOR DO PROGRAMA “CAMINHOS DO UNIVERSO” NA TV ESPIRITUALISTA - www.tvspiritualista.com.br
- EDITOR DO JORNAL “NOVA ERA MAÇÔNICA - www.gosp.org.br
- MEMBRO DA SOCIEDADE TEOSÓFICA (CHENNAI-ÍNDIA)
- GRADUADO EM PSICORIENTOLOGIA PELO SILVA MIND CONTROL INSTITUTE (LAREDO-TEXAS).
- CIRURGIÃO-DENTISTA PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
- ARTISTA PLÁSTICO COM DIVERSAS EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS
- PALESTRANTE E CONFERENCISTA EM DIVERSOS EVENTOS MAÇÔNICOS E PROFANOS.
- INSTRUTOR DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA G.:S.:C.:E.:M.: DO GRANDE ORIENTE DE SÃO PAULO
- AUTOR DOS LIVROS: “O LIVRO DO ORADOR”, “PITÁGORAS CIÊNCIA E MAGIA NA ANTIGA GRÉCIA”, “MAGIA CERIMONIAL” E “A DOCTRINA MAÇÔNICA”. TODOS DA MADRAS EDITORA.
- CO-AUTOR DO LIVRO “MANUAL COMPLETO PARA LOJAS MAÇÔNICAS”, DA MADRAS EDITORA.
- NO MUNDO PROFANO É CASADO, PAI DE TRÊS FILHOS E AVÔ DE UM NETO.

ACRÓSTICOS

Compulsando o Livro da Lei,
A leitura do Salmo 133, eu sei,
Reza que devemos viver sempre em união.
Loja Mãe é o ponto de partida, o núcleo inicial
Onde experimentamos a primeira emoção.
Sentamos depois na Col.:. do Norte com o 1ª Avental.

Bater à Porta pedindo ingresso,
Requer bom coração, virtudes e qualidades.
A seguir o aprendizado e o progresso.
Seu labor no GOSP exige muita capacidade;
Inteligência para presidir o Departamento Editorial,
Laborando na Gr.:. Secr.:. de Cultura e Educ.:. Maçônicas,
Isso exige conhecimentos, posto que da Secr.:. é tônica.
O trabalho do Irmão é deveras fundamental.

Congratulo-me com o Irmão pelo Cargo, Cultura e Dignidade.
O “GOSP” carece de sua faina, seu dinamismo e vontade.
Nossa Potência, enriquecida com a sua competência e labor.
Tantos degraus galgou na Escada de Jacó por seu justo valor.
Espero conhecer o Grande Maçom, Poeta, Venerável e Professor.

JOSÉ GABRIEL DE FREITAS MATTOS

Já se fez sabido a importância deste Jornal.
O de maior relevância para o Maçom.
Realça a Dignidade, a Educação, a Retidão, a Moral.
Não tem finalidade outra, senão auxiliar em nossa evolução.
As matérias, os artigos, belas questões nas páginas inseridas.
Luzes vêm sendo dadas aos Maçons, graciosamente oferecidas.

Nova Era Maçônica é um extraordinário Jornal.
Os Maçons devem se orgulhar por enriquecerem com sua leitura.
Vindo das trevas, vitoriando nos embates, usando também Avental.
Aprendizes, CComp.:. e Mestres sabem que a leitura gera Cultura.

E afora os Livros, Rituais, Peças de Arquiteturas, o Jornal
Reproduz matérias e questões que tanto necessita-nos
À nossa evolução, nosso crescimento Moral, Espiritual e Fraternal.

Magnífica obra, a instituição e a circulação deste valoroso Jornal.
Aquele sonho acalentado em 2003, tornar-se-ia realidade.
Çomente Irmãos de nomeada Cultura, realizariam o grande ideal.
O Jornal em tela, creiam os leitores, é feito com muita responsabilidade.
Não esmoreceram os Irmãos ante os obstáculos advindos.
Irmãos da Grande Secretaria de Cultura e Educação Maçônicas:
Cumprimento a todos rogando prosseguirem nesta obra; é a tônica;
Assim aprenderemos mais e os ensinamentos serão bem-vindos.

JOSÉ GABRIEL DE FREITAS MATTOS

SONETO

DIA DAS MÃES

Nem a estrela mais reluzente
Jamais terá o brilho de sua presença.
Você é a nossa vida e nesta, sempre presente.
Você, é obra mais sublime do Criador; eis a Sentença.
Não seria e nem é, só hoje, o dia de se lhe homenagear.
A MÃE, devemos eternamente, louvar amar.
Hoje, contudo, é mais um dia comercial, especial...
Quero, pois dizer-lhe que Você é o nosso fanal.
Felizes os que podem abraçar suas MÃES, hoje, fisicamente.
Eu e tantos mais, abraçamo-las, todos os dias, espiritualmente.
O importante hoje e sempre MÃE, é senti-la conosco presente.
MÃE!!! Que bom seria, se VOCÊ não tivesse partido...
Mas, é por isso que a saudade, faz o coração doido.
MÃE!!! Você faz muita falta e esta, eu tenho sentido.

JOSÉ GABRIEL DE FREITAS MATTOS



MAÇONARIA E CABALA

SHEKINÁ, O EXPLENDOR DA LUZ

(Era) a opinião de Eugubinus e outros que a Luz era a suprema morada ou lugar onde residia a Deidade, e que sempre brilhava com insuperável esplendor; pois acreditava-se que o próprio Eterno era a fonte e a origem da Luz. Em todas as Suas comunicações com o homem, a Luz tem sido seu constante servente ou, na apropriada linguagem de Davi: “Ele cingiu-se de Luz tal como uma vestimenta”.

A Bíblia Sagrada, um dos utensílios sobre o pedestal, contém muitos testemunhos desse efeito. Deus é chamado pelo Profeta Isaías como “a Luz de Israel”. Daniel diz que “a Luz habitava com Ele; e Habacuc compara o Seu brilho à Luz. Simeão O denomina “uma Luz para iluminar os gentios”. A glória da Luz apareceu a Saul em sua conversão, e a Pedro em sua milagrosa libertação da prisão. São João afirma que “Deus é Luz”; e que “Ele é a verdadeira Luz”.

Em relação a esse assunto, a Franco-Maçonaria primitiva pode ser chamada de “Luz da Sabedoria”, que o Todo-Poderoso Arquiteto do Universo possuía “no começo de Seu caminho antes de seus feitos de outrora”. Esta Sabedoria ou Luz é, de fato, o “hálito do poder de Deus”; uma pura influência que flui da Eterna Fonte de Luz, abrangendo todos os limites Celestiais e formando a arquitrave da pura e sagrada religião. É importante observar que Salomão, nosso Grão-Mestre, maçonicamente falando, usava geralmente a palavra “Sabedoria” como substituta de “Luz”.

Em todas as manifestações Divinas que foram outorgadas ao homem, era necessário acomodar o grau de consistência de sua natureza através de uma Luz visível e material. Porém, devemos entender que isso era apenas um símbolo, ou uma tênue emanção da gloriosa Luz que ilumina os rincões celestiais. Esta Luz ou, por assim dizer, a Franco-Maçonaria, era peculiarmente intelectual. Uma Luz adaptada às faculdades espirituais, a Luz da palavra e do espírito de Deus. Ela foi enunciada com igual perspicácia pelos Profetas Judeus. Assim diz Isaías que naquelas abençoadas mansões “o sol deixará de ser a sua Luz durante o dia, nem pelo brilho dará Luz à lua, mas o Senhor será uma Luz Eterna”. Assim, é evidente que a Luz Celestial é Divina e intelectual e que uma grosseira Luz material será desnecessária a seus glorificados habitantes, de cuja plena luminosidade nós ainda não somos capazes de formar qualquer opinião justa ou racional. Ela foi corretamente chamada de “um glorioso esplendor, cobrindo todo o



Céu — um abismo de Luz no qual a imaginação se perde”.

Este princípio luminoso está representado em nossas Lojas pela “Primeira Grande Luz”, a qual, sendo material, se evidencia aos sentidos, uma referência à atuação da Luz sobre a mente. A questão somente pode ser abordada como se o próprio Altíssimo assim aquiescesse, em piedade à fraqueza e incapacidade de Suas criaturas, outorgando-lhes uma referência material por meio do fogo e da Luz, sob as quais a Sua aparição “pessoal” se manifestou entre os homens.

Esses conceitos preliminares naturalmente dirigem a nossa atenção à Divina *Shekiná*, ou o esplendor de Luz que normalmente acompanhava a aparição Divina sobre a terra. Tratava-se de um visível esplendor, ou uma pura emanção de Deus, tendo sido chamada de *splendor gloriae Dei*, tal como São Paulo descreveu a glória do semblante de Moisés quando este desceu da montanha trazendo as Tábuas da Lei.

Esta Luz Divina protegeu Abrahão na ardente fornalha dos Caldeus, tal como aconteceu depois com Shadrach, Mesech e Abednego, naquela de Nabucodonosor, mostrando que, quando a Divindade aparecia sob forma de “uma parede de fogo” para a proteção de seu povo, Ele era um “fogo abrasador” que destruiu os Seus inimigos. Abrahão desfrutava da vantagem das freqüentes revelações de Luz nos planaltos e a mesma *Shekiná* destruiu as cidades nas planícies. Foi uma graciosa manifestação de Luz que o Todo-Poderoso outorgou a Jacó, quando surpreendido pela noite e exausto em sua viagem a Padã-Arã (*Padán Aram*), teve a visão da maravilhosa Escada, com Serafins subindo e descendo, a qual tinha o propósito de aumentar a sua Fé, incentivar a sua Esperança e estimular a sua Caridade, enquanto o Grande Arquiteto do Universo, numa tor-

rente de Luz em seu topo, acenou-lhe com aquelas alvissareiras promessas que se realizaram plenamente em sua posteridade.

Moisés, diante da Sarça Ardente, foi agraciado com a inspiração da Luz e recebeu aquele Sagrado e Inefável Nome, que ainda constitui o enorme segredo da Maçonaria Especulativa. A *Shekiná*, manifestada naquela inestimável ocasião, foi um símbolo altamente significativo. A Sarça ardia em fogo, mas não era consumida por ele; Israel foi submetido à abrasadora opressão do Egito e não foi destruído, embora não sendo possuidor de maior poder de resistência ao faraó e seu povo, do que um débil arbusto para impedir as usurpações do elemento devorador. A verdade é que Deus estava entre ambos e, assim, tanto o fogo como a perseguição eram igualmente impotentes. Moisés fora instruído a aproximar-se da majestade de Deus com os seus pés descalços e com o rosto coberto. E foi somente depois de Israel ter se libertado de sua escravidão que a Luz passou a brilhar permanentemente sobre aquele Povo.

Os preparativos para aquela excepcional e fantástica libertação foram solenes e imponentes. A diferença entre as Trevas da Idolatria e a Luz da Verdade ou, em outras palavras, entre o Espúrio e a verdadeira Franco-Maçonaria foi especialmente manifestada para a instrução dos israelitas, tal como foi o castigo infligido aos egípcios. Uma densa e quase palpável escuridão se abateu sobre os egípcios durante três dias. Porém, os Israelitas tiveram Luz em suas moradas. Eles estavam iluminados pela verdadeira *Shekiná*, ou Luz Celestial; o que se tornou um igualmente incompreensível mistério para os egípcios como a sobrenatural escuridão em que foram envolvidos. A Luz brilhou em meio às trevas, mas a escuridão não a continha.

A partir de então a Luz assumiu a forma de uma coluna de nuvens e de fogo, que durante o dia era brilhante, e talvez transparente. E à noite, era como

“A Vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida olhando para frente.”

Soren Kierkegaard-1813-1855 (Filósofo dinamarquês)

um furioso incêndio de grandes proporções, que iluminava uma área de quase 20 quilômetros quadrados. Há quem possa argumentar que o calor emanado de um fogaréu como aquele teria queimado as tendas, o Tabernáculo e tudo aquilo que estivesse em suas proximidades. Mas aquele não era um fogo natural ou elementar, pois ele continuava ardendo sem qualquer combustível. E, tal como as chamas da Sarça Ardente, as suas propriedades abrasivas eram restringidas, embora fornecesse suficiente Luz às tribos mais distantes. Em suma, tratava-se de uma coluna enevoada, iluminada pela *Shekiná* de Deus. Esta Coluna Divina estava entre o povo, e formou o sublime tema da Franco-Maçonaria judaica. Ela continuou com eles durante todas as marchas e contramarchas de sua História, até a sua renúncia à Verdade e a sua entrega às abominações fizeram com que o Altíssimo retirasse a Luz de Sua presença, entregando-os à ira e à fúria de um povo idólatra.

Nada poderia melhor servir para mostrar, de forma clara e explícita, a diferença essencial entre Luz e Trevas do que a Divina *Shekiná* durante o período em que Israel atravessava o mar Vermelho. Ela foi uma Luz e um guia para eles, mas foi uma escuridão e um terror para os seus infelizes perseguidores, que foram aniquilados pelo fechamento das águas, quando Moisés ergueu o seu cajado como um sinal de que o poder que os havia subjugado fora retirado.

Foi a *Shekiná* de Deus que apareceu em meio a nuvens e fogo na Montanha Sagrada em que a Lei foi outorgada a Moisés. A montanha estava coberta em escuridão e nada mais além de fumaça ou nuvens podia ser visto pelo povo, enquanto o legislador no cume daquela montanha era agraciado com uma visão da *Shekiná* sob a forma de uma fulgurante chama de Luz, de onde o Senhor conversava com ele acerca do governo religioso e político do povo a quem Ele havia redimido, com sinais e maravilhas, do jugo egípcio... (os israelitas) não seriam capazes de agüentar o fulgor emanado do refletido brilho da *Shekiná*. Uma impressionante prova de que as suas mentes não estavam suficientemente esclarecidas para suportar a revelação do misterioso sistema que estava tipificado pela Lei. Assim, Moisés cobriu o seu rosto com um véu, como a indicar que “as suas mentes eram cegas”, e que, embora a verdadeira Luz estivesse encoberta, de fato gloriosamente na religião judaica ela não seria totalmente revelada até que o véu fosse removido com a chegada do Messias, ou a personificação da Luz. Essas emanações da forma Divina constituíram partes do sistema da Maçonaria Especulativa, tal como é praticada em nossos dias.

Extraído do livro 'O Simbolismo na Maçonaria de Colin Dyer. Madras Editora



Os Mandamentos Cherokee...

Treat the earth and all that dwells thereon with respect.

Trate a Terra e tudo o que nela habita com respeito.

Remain close to the Great Spirit.
Mantenha-se próximo ao Grande Espírito.

Show great respect for all beings.
Mostre grande respeito por todas os seres.

Work together for the benefit of all mankind.
Trabalhem juntos pelo benefício da Raça Humana.

Do what you know is right.
Faça o que Você sabe que é certo.

Look after the well-being of mind and body.
Cuide do bem estar da mente e do corpo.

Dedicate a share of your efforts to the greater good.
Dedique uma parte de seus esforços para o Bem Maior.

Be truthful and honest at all times.
Seja sempre verdadeiro e honesto.

Take full responsibility for your actions.
Assuma total responsabilidade por seus atos.

REFLEXÃO

Quando estiver em dificuldade

Charles Chaplin

Quando estiver em dificuldade
E pensar em desistir,
Lembre-se dos obstáculos
Que já superou.
OLHE PARA TRÁS.
Se tropeçar e cair,
levante,
Não fique prostrado,
Esqueça o passado.
OLHE PARA FRENTE.
Ao sentir-se orgulhoso,
Por alguma realização pessoal,
Sonde suas motivações.
OLHE PARA DENTRO.
Antes que o egoísmo o domine,
Enquanto seu coração é sensível,
Socorra aos que o cercam.
OLHE PARA OS LADOS.
Na escalada rumo às altas posições
No afã de concretizar seus sonhos,
Observe se não está pisando **EM ALGUÉM**
OLHE PARA BAIXO.
Em todos os momentos da vida,
Seja qual for sua atividade,
Busque a aprovação de Deus
OLHE PARA CIMA.
“Nunca se afaste de seus sonhos,
pois se eles se Iterem,
você continuara vivendo,
mas terá deixado de existir”.



SIMBOLOGIA

A SERPENTE NA TRADIÇÃO
JUDAICO-CRISTÃ

Rizzardo da Camino

“Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: — E assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?” (Gênesis, 3:1)

“Disse o Senhor à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi”. (Gênesis, 3:1)

“Então o Senhor Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais...”. (Gênesis, 3:14)

“Dã julgará o seu povo, como uma das tribos de Israel; Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo, e faz cair o seu cavaleiro...”. (Gênesis, 49:16)

“Perguntou-lhe o Senhor: Que é isso que tens na mão? Respondeu-lhe: Uma vara. Então lhe disse: Lança-a na terra. Ele a lançou na terra, e ela virou serpente. E Moisés fugia dela”. (Êxodo, 4:23)

“Também todo enxame de criaturas que povoam a terra será abominação; não se comerá. Tudo o que anda sobre o ventre (serpente) e tudo o que anda sobre quatro pés, ou que tem muitos pés, entre todo enxame de criaturas que povoam a terra, não comereis, porquanto são abominação. (Levítico, 11:41-42).

“Quando o Faraó vos disser: Fazei milagres que vos acreditem, dirás a Arão: Toma a tua vara, e lança-a diante do Faraó; e ela se tornou em serpente. Então Moisés e Arão se chegaram ao Faraó, e fizeram como o Senhor lhes ordenara; lançou Arão a sua vara diante do Faraó e diante dos seus oficiais, e ela se tornou em serpente. Faraó, porém, mandou vir os sábios e encantadores; e eles, os sábios do Egito, fizeram também o mesmo com suas ciências ocultas. Pois lançaram eles cada um a sua vara, e elas se tornaram em serpentes; mas a vara de Arão devorou as varas deles”. (Êxodo, 7: 9-12)

“Então o Senhor mandou entre o povo serpentes abrasadoras, que mordiam o povo; e morreram muitos do povo de Israel”. (Números, 21:6)

Disse o Senhor a Moisés: Faze uma serpente abrasadora, põe-na sobre uma haste: e será que todo mordido que a mirar, viverá”. (21:8)

“Que te conduziu por aquele grande e terrível deserto de serpentes abrasadoras, de escorpiões, e

de segura, em que não havia água; e te fez sair água da pederneira”. (Deuteronômio, 8:1)

“Removeu os altos, quebrou as colunas e deitou abaixo o poste ídolo; e fez em pedaços a serpente de bronze que Moisés fizera, porque até àquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso e lhe chamaram Neustã”. (II Reis, 18:4)

“Pelo seu sopro aclara os céus, a sua mão fere o dragão veloz”. (Jó, 26:13)

“Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoia suavemente. Pois, ao cabo, morderá como a serpente e picará como o basilisco”. (Provérbios, 23: 31-32).

“Há três cousas que são maravilhosas demais para mim, sim, há quatro que não entendo: o caminho da águia no céu, o caminho da serpente na penha, o caminho do navio no meio do mar, e caminho do homem com uma donzela”. (Provérbios, 30:18-19)

“Quem abre uma cova, nela cairá, e quem rompe um muro, mordê-lo-á uma serpente”. (Eclesiastes, 10:8).

“Se a serpente morder antes de estar encantada, não há vantagem no encantador”. (Eclesiastes, 10:11)

“No ano em que morreu o rei Acaz, foi pronunciada esta sentença: Não te alegres, tu, toda a Filistia, por estar quebrada a vara que te feria; porque da estirpe da serpente sairá uma áspide, e seu fruto será uma serpente voadora”. (Isaías, 14:28-29)

“Naquele dia o Senhor castigará com sua dura espada, grande e forte, o dragão, serpente veloz, e o dragão, serpente sinuosa, e matará o monstro que está no mar”. (Isaías, 27:1)

“Sentença contra a Besta do Sul. Através da terra da aflição e a angústia de onde vem a leoa, o leão, a víbora e a serpente volante, levam a lombos de jumentos as suas riquezas e sobre as corcovas de camelos os seus tesouros, a um povo que de nada lhes aproveitará”. (Isaías, 30: 6)

“O lobo e o cordeiro pastarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor”. (Isaías, 65:25)

“Faz o Egito um ruído como o da serpente que foge, porque os seus inimigos vêm contra ele com machados, quais derrubadores de árvores”. (Jeremias, 46:22)

“Como se um homem fugisse de diante do leão, e se encontrasse com ele o urso; ou como se, entrando em casa, entrando a mão à parede, fosse mordido duma serpente”. (Amós, 5:19)

“Se esconderem no cume do Monte Carmelo de lá buscá-lo-ei, e de lá os tirarei, e se dos meus olhos se ocultarem no fundo do mar, de lá darei ordem à serpente e ela os morderá”. (Amós, 9:3)

“Aguçam a língua como a serpente; sob os lábios têm veneno de áspide”. (Salmo, 14: 3)

“Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente?” (Mateus, 7:9-10)

“Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos: sede, portanto, prudentes como as serpentes e simplices como as pombas”. (Mateus, 10:16)

“Serpentes, raça de víboras: Como escapareis da condenação do inferno?” (Mateus, 23:33)

“Pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados”. (Marcos, 16:18)

“E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado”. (João, 3:14)

“Não ponhamos o Senhor à prova, como alguns deles já fizeram, e pereceram pelas mordeduras das serpentes”. (Coríntios, 10:9)

“Mas receio que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam corrompidas as vossas mentes, e se apartem da simplicidade e pureza devidas a Cristo”. (II Coríntios, 11:3)

“E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo. Sim, foi atirado para a terra e, com ele, os seus anjos”. (Apocalipse, 12:9)

“Então a serpente arrojou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com ela fosse arrebatada pelo rio”. (Apocalipse, 12:15)

“Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos”. (Apocalipse, 20:2)

Extraído do livro: *Ópera Maçônica – A flauta Mágica* de Rizzardo da Camino
Madras Editora

RITUALÍSTICA

TEMPLO NO RITO ESCOCÊS RETIFICADO

Jorge Barnsley Pessoa Filho

Rito Escocês Retificado é muito novo no Brasil, já que somente em 3 de setembro de 2005 foram concedidas, pelo GOB, as duas primeiras cartas patentes provisórias para as Lojas Helvetia e Jerusalém Celeste.

Para nossos estudos, louvar-nos-emos da redação feita no Convento de 1782, em sua versão concluída por Jean-Baptiste Willermoz, em 1802.

O Templo é instalado em uma sala retangular, não havendo nenhuma indicação de localização para a entrada ou medidas específicas em desenho.

Somente temos a previsão de que, no lado convencional como Oriente, devemos ter uma plataforma com altura de três degraus, visto que, na parte mais alta, fica o trono do Venerável, com uma mesa (altar) à sua frente. Um degrau abaixo ficam as poltronas do Passado Venerável Imediato (que são cedidas ao Grão- Mestre, se este estiver presente) e a do Orador.

3r, deve-se ter uma almofada também azul, com franjas douradas e com um esquadro nela bordado a ouro.

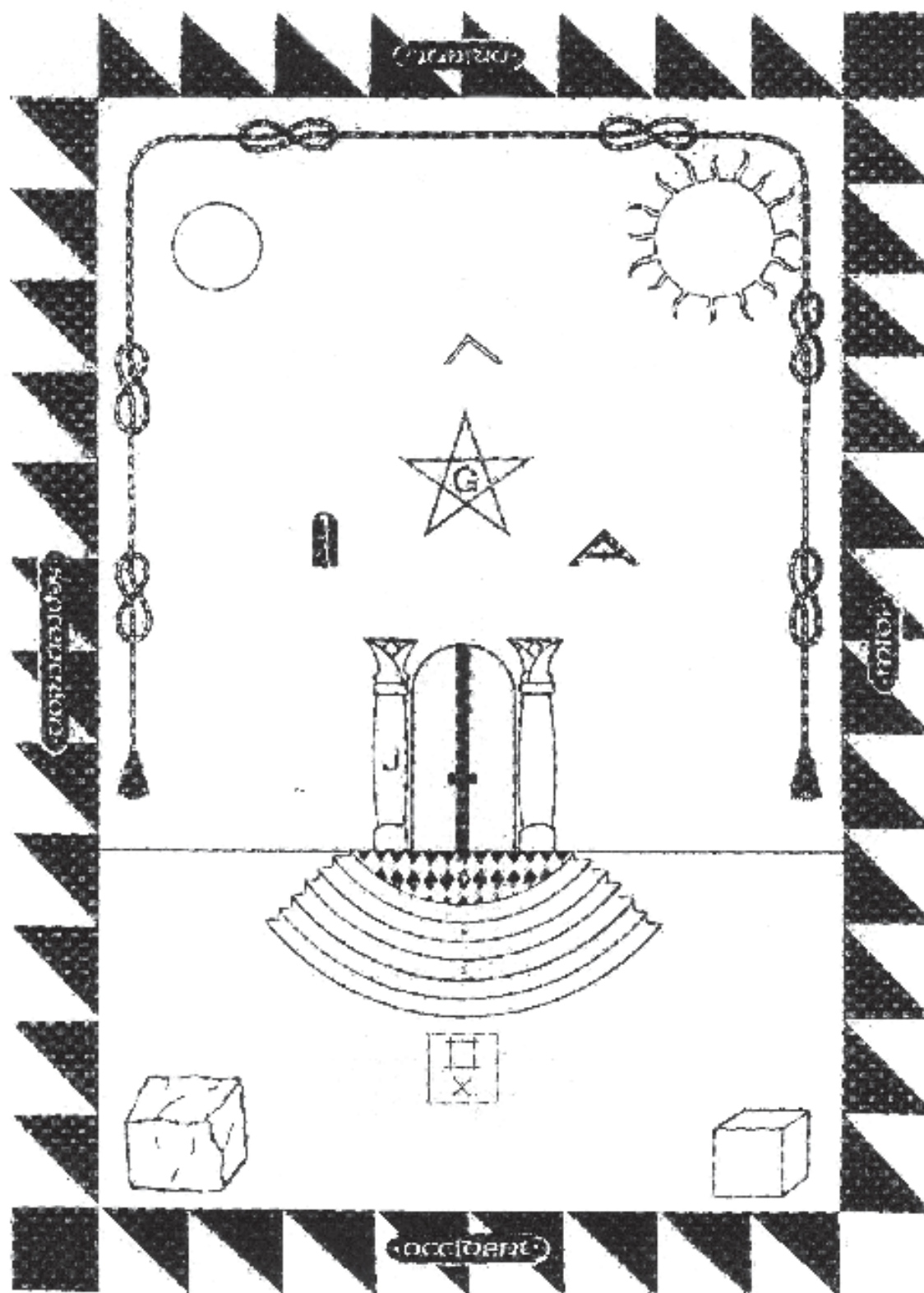
Sobre o altar, estão previstos um candelabro de ouro de três braços, uma Bíblia, um compasso e um esquadro entrelaçados, uma trolha, um malhete e o ritual do grau.

No Ocidente, a uma distância conveniente da parede Leste da Loja, temos duas pequenas mesas voltadas para o Oriente, sendo a do Sul para o 1º Vigilante e a do Norte para o 2º Vigilante.

Sobre cada uma dessas mesas, deve haver um candelabro de ouro de uma só vela, um malhete e a jóia do respectivo Vigilante.

Ao centro da Loja, temos o Tapete da Loja e, junto aos cantos sudeste, sudoeste e noroeste deste, em cada um, um candelabro com três braços.

O tapete deve ser retangular, na proporção dois para três, e pode ser de um material branco que possibilite seu desenho durante a sessão, ou com os desenhos já bordados. Nele temos toda a borda denteada e, no interior, uma linha a aproximadamente um terço do quadro; abaixo dessa, uma escada semicircular de sete degraus numerados em 3, 5 e 7 e nesse, formando uma plataforma, um mosaico; no



Tapete de Loja do R.E. Retificado

canto inferior esquerdo, uma pedra cúbica, e no direito, uma pedra polida; um pouco acima, no centro, uma prancheta de Loja; na parte superior, apoiando-se no mosaico, duas colunas ao lado de uma porta fechada, sendo que, no fuste da que fica à esquerda, a letra J; acima, formando um triângulo, temos um esquadro no vértice superior, um prumo à esquerda e um nível à direita e, ao centro, uma estrela de cinco pontas com o G ao centro; no canto superior direito, o Sol e, no esquerdo, a Lua Cheia; bordejando os dois terços superiores, uma corda com nós.

No Ocidente, abaixo dos degraus ao lado Norte, há uma pequena mesa para o Secretário, sobre a qual temos também um candelabro de uma vela.

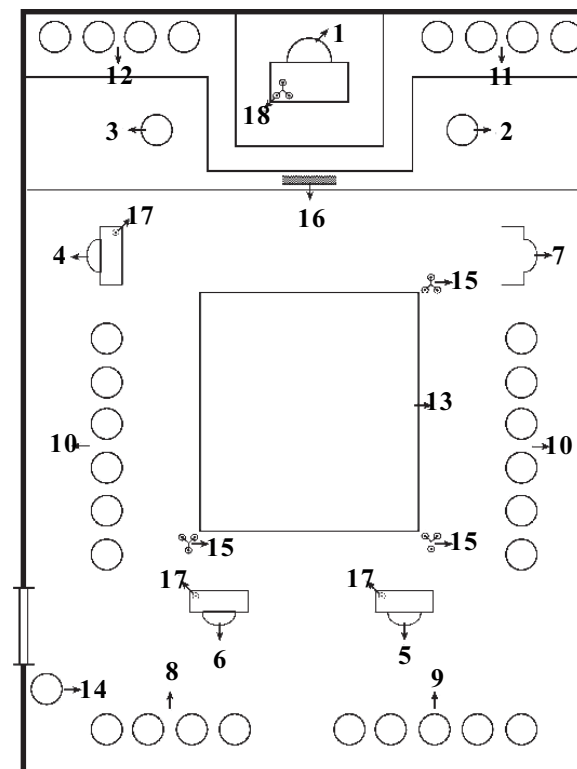
Junto à porta, temos a cadeira do Guarda do Templo.

As cadeiras ao Norte e ao Sul devem ser ocupadas pelos Mestres e, ao fundo, atrás dos Vigilantes, temos cadeiras, ao Norte para os Aprendizes e, ao Sul, para os Companheiros.

Extraído do livro *Templo Maçônico*, de Jorge Barnsley Pessoa Filho Madras Editora.

Templo de Loja do Rito Escocês Retificado, segundo Ritual da GLR de Portugal

1. Venerável Mestre
2. Orador
3. Passado Venerável Imediato/Grão-Mestre
4. Secretário
5. 1º Vigilante
6. 2º Vigilante
7. Tesoureiro
8. Aprendizes
9. Companheiros
10. Mestres
11. Mestres Instalados
12. Autoridades Maçônicas
13. Tapete ou Quadro de Loja
14. Guarda do Templo
15. Candelabro grande de três velas
16. Almofada
17. Candelabro de ouro de uma vela
18. Candelabro de ouro de três velas



REFLEXÃO

SINTO VERGONHA DE MIM

Sinto vergonha de mim
por ter sido educador de parte desse povo,
por ter batalhado sempre pela justiça,
por compactuar com a honestidade,
por primar pela verdade
e por ver este povo já chamado varonil
enveredar pelo caminho da desonra.

Sinto vergonha de mim
por ter feito parte de uma era
que lutou pela democracia,
pela liberdade de ser
e ter que entregar aos meus filhos,
simples e abominavelmente,
a derrota das virtudes pelos vícios,
a ausência da sensatez
no julgamento da verdade,
a negligência com a família,
célula-mater da sociedade,
a demasiada preocupação
com o “eu” feliz a qualquer custo,
buscando a tal “felicidade”
em caminhos eivados de desrespeito

para com o seu próximo.
Tenho vergonha de mim
pela passividade em ouvir,
sem despejar meu verbo,
a tantas desculpas ditadas
pelo orgulho e vaidade,
a tanta falta de humildade
para reconhecer um erro cometido,
a tantos “floreios” para justificar
atos criminosos,
a tanta relutância
em esquecer a antiga posição
de sempre “contestar”,
voltar atrás
e mudar o futuro.

Tenho vergonha de mim
pois faço parte de um povo que não reconheço,
enveredando por caminhos
que não quero percorrer...
Tenho vergonha da minha impotência,
da minha falta de garra,
das minhas desilusões

e do meu cansaço.
Não tenho para onde ir
pois amo este meu chão,
vibro ao ouvir meu Hino
e jamais usei a minha Bandeira
para enxugar o meu suor
ou enrolar meu corpo
na pecaminosa manifestação de nacionalidade.

Ao lado da vergonha de mim,
tenho tanta pena de ti,
povo brasileiro!

“De tanto ver triunfar as nulidades,
de tanto ver prosperar a desonra,
de tanto ver crescer a injustiça,
de tanto ver agigantarem-se os poderes
nas mãos dos maus,
o homem chega a desanimar da virtude,
a rir-se da honra,
a ter vergonha de ser honesto.”

Rui Barbosa

“Não somos seres humanos passando por uma experiência espiritual...Somos seres espirituais passando por uma experiência humana.”

Autor desconhecido

OCULTISMO

PRECAUÇÕES CONTRA
O VAMPIRISMO PSÍQUICO

O magista, em seu caminho de evolução, não deve ser vítima da sociedade e da vida diária e, muito menos, das pessoas que cruzam seu caminho para o bem ou para ou mal. O magista deve preservar sua integridade física, psíquica, mental e espiritual e eliminar de sua vida tudo e todos que possam atrasar e impedir seu crescimento ou escravizá-lo. O vampirismo psíquico é um fato muito comum e normal (ou melhor diria, anormal) e está em toda parte, em toda classe social, em menor ou maior grau, e o magista deve saber lidar com tal fenômeno patológico e se colocar imune, já que precisa continuar sua vida elevada e sua Obra. Sendo assim, apresento abaixo algumas informações e recomendações importantes sobre a crua realidade do vampirismo psíquico ou energético.

1. Características gerais dos vampiros psíquicos

— Os vampiros passam-se por pessoas muito simpáticas e agradáveis, mas são ardilosos e maliciosos.

— São pegajosos e gostam muito de conversar grudando, pegando, tocando excessivamente na vítima.

— Intimidam a vítima veladamente provocando medo, insegurança, brigas e intrigas.

— Muitos gostam de conversas inúteis e de baixo nível e fazem chantagem emocional.

— São muito tagarelas e não procuram ouvir, causando desgaste em seu interlocutor.

— Interessam-se muito por assuntos sobre violência, crime e acidentes graves com morte.

— Gostam muito de comer carnes e de muita bebida alcoólica, mas nem sempre se embriagam.

— São freqüentemente de hábitos noturnos e se mostram muito simpáticos e bondosos.

— São adutores, puxa-sacos e procuram monopolizar os relacionamentos e manipular as pessoas.

— Gostam muito de dar elogios e presentes sem razão aparente, iludem com palavras e falsa devoção.

— São extremamente vaidosos e inseguros emocionalmente e querem ser o centro das atenções.

— São fortemente materialistas e com tendências ao ateísmo e à blasfêmia irracional.

— Escusam-se e se isentam dos próprios atos e de suas responsabilidades.

— Os vampiros psíquicos procuram causar algum tipo de temor, irritação, nervosismo, ira, exaltação grosseira, para desestabilizar e enfraquecer a vítima e sugar-lhe a energia.

— São desprovidos de amor verdadeiro e sentimento de carinho, e na relação sexual são frios e não se emocionam, tendendo mais às perversões sexuais de maneira mecânica e opressora.

— Muitos são temerários disfarçados e tem uma clara ou camuflada tendência à depravação sexual (promiscuidade, pederastia, lesbianismo, pedofilia, sadomasoquismo, perversidade, etc.).

— Os vampiros psíquicos sugam a energia por meio do contato físico, visual e/ou mental.

— Os mais experientes e conscientes sugam a energia via astral enquanto a vítima dorme.

— A maioria dos vampiros psíquicos nem sabe que o é e vampiriza inconscientemente pessoas mais fracas para suprir alguma carência energética.

— Os vampiros conscientes sugam e exaurem deliberadamente a vitalidade alheia covardemente, invadindo a liberdade e o livre-arbítrio e minando a saúde mental e física das vítimas.

2. Sintomas do ataque psíquico (podendo manifestar alguns ou todos eles)

— Angústias;

— Ansiedade;

— Temor;

— Cansaço;

— Apatia;

— Depressão;

— Desânimo;

— Indolência;

— Sonolência;

— Sonambulismo;

— Olheiras;

— Bocejo compulsivo;

— Nervosismo;

— Irritabilidade;

— Dor de cabeça;

— Histeria;

— Insegurança;

— Autodesamor;

— Obsessão;

— Prisão de ventre constante;

— Falta de senso de humor;

— Esgotamento físico;

— Forte desejo de comer carnes;

— Deterioração mental;

— Falta de higiene pessoal;

— Tendência ao ateísmo;

— Sonhos com sangue, água suja e animais asquerosos.

3. Métodos de defesa e proteção

— Evitar contatos (visuais, físicos, mentais, etc.) com o suspeito ou com o próprio.

— Evitar a presença de suspeitos de vampirismo psíquico.

— Evitar discussões inúteis com suspeitos.

— Não ficar sozinho em qualquer lugar com um vampiro psíquico.

— Não aceitar convites, presentes, nem favores, elogios e adulações.

— Manter seus objetos pessoais, etc., longe do acesso de tais indivíduos.

— Evitar falar de si mesmo, seus interesses, idéias, objetivos, etc.

— Na inevitável presença de vampiros psíquicos, utilizar métodos de defesa, tais como: cruzar braços e pernas, cruzar os dedos sobre o plexo solar, visualizações de barreiras protetoras, pentagramas, círculos, etc., e se retirar da presença assim que possível.

— Manter a firmeza de caráter e o equilíbrio psicoemocional, a boa saúde física e a postura ereta.

— Manter-se calmo, sereno e sem temor, evitando conversas inúteis e de baixo nível e as exaltações grosseiras, etc.

— Fazer exercícios respiratórios (diariamente), banhos de ervas tais como boldo, hissopo, etc, rituais de banimento, defumações ambientais com assa-fétida, enxofre, arruda, alecrim, mirra, incenso-de-igreja e benjoim, etc., em caso de suspeitas.

— Se possível, carregar sempre consigo uma turmalina negra ou um sachê contendo enxofre, ou usar um anel de ouro.

Extraído do livro *Sistemagia*,
de Adriano Camargo Monteiro
Madras Editora.

SINCRETISMO ESOTÉRICO

O PAN (PÃO) NOSSO DE CADA DIA
A GRANDE DÁDIVA DE DEUS

Por Wagner Veneziani Costa

Durante todo o texto, tentarei fazer uma análise comparativa do Deus Pan em todas as civilizações, como suas lendas, mitos, histórias infantis e as diversas palavras que surgiram do nome dele, tais como pânico, panacéia, panteísmo entre tantas outras. O Deus Pan é muitas vezes chamado de Fauno, Sylvanus, Lupercus, o Diabo (no Tarô). Seu lado feminino é a Fauna; é Exu (na Umbanda), o Orixá fálico; Capricórnio (na Astrologia); Dionísio (deus do vinho); Baco (dos famosos bacanais). Muitas vezes é comparado aos deuses caçadores; ou ainda, a Tupã (Pajé, Caboclo).



Pan, antiqüíssima divindade pelágica especial à Arcádia (uma região rural), morada do Deus Pan. É o guarda dos rebanhos que ele tem por missão fazer multiplicar. Deus dos bos-

ques e dos pastos, protetor dos pastores, veio ao mundo com chifres, orelhas e pernas de bode. Pan é filho de Mercúrio. Era bastante natural que o mensageiro dos deuses, sempre considerado intermediário, estabelecesse a transição entre os deuses de forma humana e os de forma animal. Parece, contudo, que o nascimento de Pan provocou certa emoção em sua mãe, que ficou assustadíssima com tão esquisita conformação. As más línguas dizem que, quando Mercúrio apresentou o filho aos demais deuses, todo o Olimpo desatou a rir.

“Mercúrio chegou à Arcádia, que era fecunda em rebanhos. Ali se estende o campo sagrado de Cilene; nesses páramos, ele, deus poderoso, guardou as alvas orelhas de um simples mortal, pois concebera o mais vivo desejo de se unir a uma bela ninfa, filha de Dríops. Realizou-se enfim o doce himeneu. A jovem ninfa deu à luz o filho de Mercúrio, menino esquisito, de pés de bode e testa armada de dois chifres. Ao vê-lo, a nutriz abandonou-o e foge. Espantam-na aquele olhar terrível e aquela barba tão espessa. Mas o benévolo Mercúrio, recebendo-o imediatamente, colocou-o no colo, rejubilante. Chega assim à morada dos imortais, ocultando cuidadosamente o filho na pele aveludada de uma lebre. Depois, apresenta-lhes o menino. Todos os imortais se alegram, sobretudo Baco, e dão-lhe o nome de Pan, visto que para todos constituiu objeto de diversão.”

As ninfas zombavam incessantemente do pobre Pan, por causa do seu rosto repulsivo, e o infeliz deus, ao que se diz, tomou a decisão de nunca amar. Mas Cupido é cruel, e afirma uma tradição que Pan, desejando um dia lutar corpo a corpo com ele, foi vencido e abatido diante das ninfas que riam.

Uma vez, ouvi um flautista contar com sua música uma história linda: a

história do amor do Deus Pan, pela ninfa Sirinx. Ele disse que Pan se apaixonou pela ninfa, mas não foi correspondido. Sendo assim, Sirinx vivia fugindo do deus metade homem metade bode, até que se escondeu dele em um lago e se afogou. No lugar da sua morte, nasceram hastes de junco que Pan cortou e transformou em uma flauta de sete tubos, a qual se tornou um atributo dele. Sirinx, então, imortalizava-se.



Pan também era o deus da fertilidade, da sexualidade masculina desenfreada e do desejo carnal. Como o nome do deus significava “tudo”, no mais amplo sentido da natureza, a raiz, a fertilidade, Pan passou a ser considerado um símbolo do Universo e a personificação da Natureza; e, mais recentemente, representante de todos os deuses.

Celebrar a Pan é celebrar a sexualidade de maneira primal, a bebida e a boa música. O que hoje conhecemos como pânico tem sua origem no nome desse deus. A justificativa é que existia o mito de que quem morava próximo às florestas era perseguido à noite pelo deus. Dessa forma, o temor irra-

cional que era atribuído a esse evento ficou conhecido como pânico.

Os romanos tinham um panteão de deuses que foi, em sua maioria, “herdado” da cultura grega. Portanto, quase todos os deuses romanos possuem seus correspondentes gregos.

Sylvanus e Faunus eram divindades latinas cujas características são muito parecidas com as de Pan, que nós podemos considerá-las como o mesmo personagem com nomes diferentes.

Faunos

Entre os romanos, faunos eram deidades de florestas selvagens com pequenos chifres, pernas de cabra e um pequeno rabo. Eles acompanhavam o deus Faunus, eram alegres, habilidosos, e viviam sempre cantando e se divertindo. Faunos são análogos aos sátiros gregos.

Era o deus da natureza selvagem e da fertilidade, também considerado o doador dos oráculos. Ele foi identificado depois com o Pan grego e também assumiu algumas das características de Pan, como os chifres e as pernas de cabra. Como o protetor dos rebanhos, ele também é chamado Lupercus (“aquele que protege dos lobos”).

Uma tradição particular conta que Faunus era o rei de Latium, o filho de Picus e neto do deus Saturno. Depois



de sua morte, ele foi divinizado como Fatuus, e surgiu um culto pequeno em torno da sua pessoa, na floresta sagrada de Tibur (Tivoli). Em 15 de fevereiro (a data de fundação do templo), seu festival, o Lupercalia, era célebre. Padres (chamados Luperci) vestiam peles de cabra e caminhavam pelas ruas de Roma batendo nos espectadores com cintos feitos de pele de cabra. Outro festival era o Faunalia. Ele é acompanhado pelos faunos, análogos aos sátiros gregos. Sua contraparte feminina é a Fauna.

Para os cristãos, os chifres representam o Demônio, o cordeiro ou cabrito, que era sacrificado em redenção do pecado. Mas os chifres sempre foram sinais de algo Divino. Na Babilônia, o grau de importância dos deuses era identificado pelo número de chifres atribuídos a eles. Moisés fora representado plasticamente com chifres na testa, bem como o próprio Alexandre, o Grande, encomendara uma pintura do seu retrato, mostrando-se com chifres de carneiro na testa.

Os antigos judeus conheciam esse simbolismo, recebido das mitologias circunvizinhas. *Se'irim* geralmente pode ser traduzido por bode. Habitam os lugares altos, os desertos, as ruínas... No Gênesis, lemos que os filhos de Jacó degolaram um bode para com seu sangue manchar a túnica de José (Gn. 37:31).

O termo vulgar “bode” é designado pela mesma palavra que se emprega em outras partes para designar um sátiro. A palavra hebraica *sa'ir* significa propriamente “o peludo” e se aplica tanto ao bode como a qualquer outro sátiro, demônio ou divindade inferior, na mentalidade popular.

O bode representa um dos deuses subalternos do grande Azazel, deus ou temível príncipe dos demônios do deserto. Frequentemente mencionado pelos apócrifos, Azazel só aparece na Bíblia em uma oportunidade, na descrição do rito de expiação:

“O sumo sacerdote receberá da comunidade dos filhos de Israel dois bodes destinados ao sacrifício pelo pecado... Lançará a sorte sobre os dois bodes, atribuindo uma sorte a Iahweh e outra a Azazel. Aarão oferecerá o bode sobre o qual caiu a sorte para Iahweh e fará com ele um sacrifício pelo pecado. Quanto ao bode sobre o qual caiu a sorte para Azazel, será colocado vivo diante de Iahweh para fa-

zer com ele o rito de expiação, a fim de ser enviado a Azazel, no deserto. (...) Aarão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode e confessará sobre ele todas as faltas dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados. E depois de tê-los assim posto sobre a cabeça do bode, irá enviá-lo ao deserto, conduzido por um homem preparado para isso, e o bode levará sobre si todas as faltas deles para uma região desolada”. (Lv. 16: 5-8 e 10:21s).

Para os Celtas, o Deus Cornífero

O Deus Cornífero é representado por um ser com cabeça humana, chifres e pernas de cabra ou cervo. Ele é o guardião das entradas e do círculo mágico que é traçado para se começar o ritual. É o deus pagão dos bosques, o rei do carvalho e senhor das matas. É o deus que morre e sempre renasce. Seus ciclos de morte e vida representam nossa própria existência.

Mas por que essa imagem diabólica tão horripilante? O chifre apresentava conotação sagrada, como um sinal “divino”, desde dez mil anos a.C., no período Paleolítico, representando também fertilidade e vitalidade. Acreditava-se que os chifres recebiam poderes especiais vindos das estrelas e dos céus.

Existem várias versões do Deus Cornífero, como o Deus Cernunnos (versão celta e galo-romana), Pan “Grécia”, Osiris e outros. Na religião pagã Wicca, criada por Gerald

Gardner, acredita-se que o Deus Cornífero seja o guardião das entradas e do círculo dos ritos.

Confundido no Cristianismo (propositalmente ou não) com o “Diabo”, por sua estranha aparência, o Deus Cornífero nasce e morre todos os dias, tentando ensinar os segredos da morte e da vida.

Segundo a Wicca, o Deus Cornífero nasceu da grande Deusa, divindade suprema para os wiccanianos, representada por várias faces. Acredita-se que a Deusa começou a ser cultuada entre 35 a 10 mil anos antes de Cristo, pois arqueólogos encontraram várias estatuetas de figuras humanas representando mulheres grávidas.

Uma das versões do Deus Cornífero é a que o considera protetor dos pastores e dos rebanhos. Deus Osiris –

considerado pelos egípcios o deus da agricultura e da vida para além da morte.

Em algumas cavernas da França, foram encontradas pinturas do período Paleolítico, com homens fantasiados de veado, representando o Deus Cernunnos. Muitas vezes, ele era representado em imagens, acompanhado de uma serpente, e em tempos mais modernos, com uma bolsa cheia de moedas.

Nada foi relacionado a um ser infernal. Nos dias atuais, em que imaginamos o Diabo ou um ser infernal, o que nos vem à mente é uma imagem demoníaca, um ser com chifres e pernas de cabra. Ninguém pode afirmar ao certo a imagem de um ser obscuro, ele pode ser apenas uma força negativa invisível, sem aparência.

Existiu conspiração religiosa na imagem do Deus Cernunnos? Teriam criado essa farsa apenas para acabar com as antigas religiões? Não se sabe isso ao certo, pois não foram encontradas muitas coisas escritas sobre o Deus Cernunnos, e sim muitas imagens e estátuas. Geralmente, ele é representado sentado e de pernas cruzadas, talvez assumindo a posição de um xamã.

Considerado também o deus da caça e da floresta, hoje é um deus ou ser divino quase esquecido, lembrado apenas nas religiões pagãs.

Exu – O Orixá Fálco

Exu também tem os seguintes epítetos ou atributos: Exu Lonan, o Senhor dos Caminhos; Exu Osije-Ebo, o Mensageiro Divino; Exu Bará, o Senhor (do movimento) do Corpo; Exu Odara, Senhor da Felicidade; Exu Eleru, o Senhor da Obrigação Ritual; Exu Yangi, o Senhor da Laterita Vermelha; Exu Elegbara, o Senhor do Poder da Transmutação; Exu Agba, aquele que é o ancestral; Exu Inã, o Senhor do Fogo.

Exu é o Orixá que rege o jogo de Búzios, uma modalidade divinatória. Diz um mito que Exu é o único Orixá que tinha esse poder, mas decidiu compartilhá-lo com Ifá em troca de receber as oferendas e pedidos antes de qualquer outro Orixá.

É o mensageiro dos deuses, seu poder é o de receber e transportar os pedidos e oferendas dos seres humanos ao *Orum*, o Mundo dos Deuses. É o Senhor dos Caminhos, das encruzi-

lhadas, das trocas comerciais e de todo tipo de comunicação. Ele representa também a fertilidade da vida, os poderes sexual, reprodutivo e gerativo. Não podemos nos esquecer de que o sexo, diferentemente do que os cristãos dizem (uma coisa de luxúria, de pecado), é na verdade um ATO SAGRADO. Talvez por isso, por ele ser o poder sexual, os cristãos o comparem com o Demônio.

Quando pergunto a qualquer pessoa se Deus é onipresente, onisciente e onipotente, e elas normalmente respondem que sim, concluo com a seguinte pergunta: Então, quem é o Diabo? Elas ficam sem resposta... Ora, esse Demônio, tão difundido pelas religiões judaico-cristãs, não existe. O conceito de bem ou mal é relativo, está intrinsecamente ligado ao ser humano, dentro de cada um de nós e não fora.

O Diabo só existe dentro de nossos corações frágeis e reina naqueles que não dominam suas emoções e navegam conforme a maré dos acontecimentos, sem rumo certo. Sem falar que normalmente a figura do Senhor Exu é colocada com chifres, rabo, pintado de vermelho, imagem bem parecida com a que os cristãos “desenham” o Diabo... Então, Exu nada tem em comum com o diabo lúdico, e as esquisitas estátuas comercializadas e utilizadas arbitrariamente em terreiros são frutos da imaginação de visionários que não enxergam nada além das manifestações dos baixos sentimentos em formas deprimentes, nos seres que lhes são afins. Exu poderia ser comparado a Priapo, a Hermes, a Mercúrio, deuses mensageiros ou protetores da sexualidade masculina, nunca ao Demônio cristão.

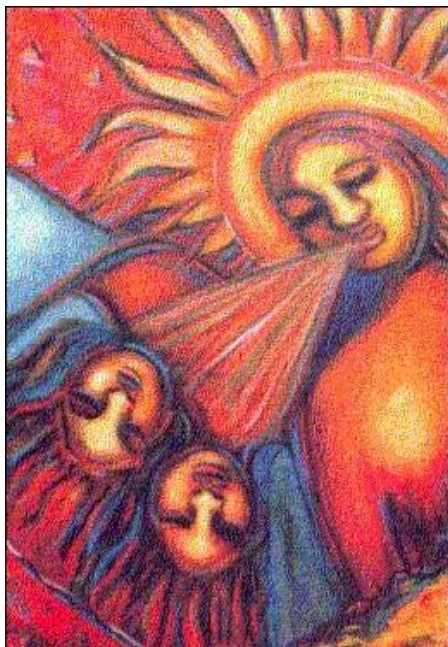
AMON (Amen, Amun) - O grande deus de Tebas de origem incerta; representado como um homem, o sol e algumas vezes como o falo; identificado com Re como AMON-RA; seus animais sagrados eram o cordeiro e o ganso.

Laroiê, Senhor Exu! (“Ninguém tira a saúde e a riqueza”).

Tupan

Tupã ou Tupan (que na língua tupi significa “trovão”) é uma entidade da mitologia tupi-guarani.

Os indígenas rezam a Nhanduvucu e a seu mensageiro Tupã, que não era exatamente um deus, mas sim uma manifestação de um deus. É importante destacar esta confusão feita pelos



jesuítas. Nhanderuete, o liberador da palavra original, segundo a tradição *mbyá*, que é um dialeto da língua guarani, do tronco lingüístico tupi seria algo mais próximo do que os catequizadores imaginavam.

Câmara Cascudo afirma que Tupã “é um trabalho de adaptação da catequese”. Na verdade, o conceito “Tupã” já existia, não como divindade, mas como conotativo para o som do trovão (*Tu-pá*, *Tu-pã* ou *Tu-pana*, golpe/baque estrondante); portanto, não passava de um efeito, cuja causa o índio desconhecia e, por isso mesmo, temia. Osvaldo Orico é da opinião de que os indígenas tinham noção da existência de uma Força, de um Deus superior a todos. Assim ele diz: “A despeito da singela idéia religiosa que os caracterizava, tinha noção de Ente Supremo, cuja voz se fazia ouvir nas tempestades – Tupã-cinunga, ou “o trovão”, cujo reflexo luminoso era Tupãberaba, ou “relâmpago”. Os índios acreditavam ser o deus da criação, o deus da luz. Sua morada seria o Sol.

Para os indígenas, antes de os jesuítas os catequizarem, Tupã representava um ato divino, era o sopro, a vida, e o homem, a flauta em pé, que ganha a vida com o fluxo que por ele passa.

A religião propagada por Car era baseada na crença a um Deus onipotente, a quem ele chamou P. A. N., também uma palavra cabalística que significa “Senhor do Universo”. Dois séculos depois, pregou Moisés a mesma crença a um Deus onipotente, a quem ele chamou Je-oh-va. O nome Pan, com o significado de Senhor, permaneceu nos países orientais em todos os tempos. Alexandre Magno foi chama-

do na Ásia de “O Pany Alexandros”. Na Tchecoslováquia, na Polônia, na Rússia e em outros países, usa-se ainda PANE e PANJE como elocução. “Pane Antony” é igual ao “Sir Antonio”. Note-se também que a palavra *panis* (nosso pão) vem de Pan: a dádiva de Deus.

TU-PAN, o Deus onipotente na religião dos antigos brasileiros, significa: “Adorado Pan”. Na língua dos cários, fenícios e pelastos, significa o substantivo THUS, THUR (respectivamente TUS, TUR e TU): “sacrifício da devoção” ou “incenso”. Tudo que o homem oferece a Deus é, na língua da ordem dos sacerdotes cários, T. U., que também é uma fórmula cabalística. O infinito do verbo “sacrificar” é, no fenício, TU-AN; no germano, TU-EN; no grego, THU-EIN e THY-EIN; no latim, TU-ERI (venerar, contemplar, olhar, guardar). THUS, também no latim, é o incenso que se oferece a Deus, respectivamente aos deuses. A origem de TUPAN, como nome do Deus onipotente, remonta à religião monoteísta de Car.



O Lobisomem

Mito-maldição dos mais antigos e talvez o único verdadeiramente universal, correndo a terra de ponta a ponta e com uma antiguidade que permite registros de Plínio, o Velho, Heródoto, Petronio e outros.

O nome, derivado das Lupercais, festividades dedicadas ao deus Pan, na antiga Roma, alastrou-se também nas Américas Central e do Sul, via Espanha (*Lubizon*), Portugal (*Lobisomem*), e na do Norte, via França (*Loup-garou*), ou saxão (*Werrwolf*), depois de ter atingido toda a Europa. Registros indicam a existência do mito na China e no Japão e na África.

O homem “vira” Lobisomem, misto de lobo e homem, por ser o sétimo filho nascido após sete filhas, se for

atingido pelo sangue de outro lobisomem ou sendo filho de incesto, também.

Pode-se quebrar esse encanto-maldição, bastando, para tanto, que a primeira filha batize, ferindo-o, durante sua transformação, basta apenas tirá-lo uma gota de sangue ou, quase sem perigo, com um tiro de arma de fogo, cuja bala tenha sido previamente untada com cera de uma vela comum, mas que tenha ardido em três missas de domingo. Se for em uma só missa-dogalo, também fará o efeito.

A sina do Lobisomem, além da própria maldição, parece ser cansativa; pois consiste de, toda sexta-feira, fazer uma maratona, visitando, entre meia-noite e duas horas, sete cemitérios ou adros de igrejas, sete vilas, sete encruzilhadas, sete outeiros e sete mata-burros, voltando sempre ao ponto de partida.

O Panteísmo

Etimologicamente falando, o termo “panteísmo” deriva das palavras gregas *pan* (“tudo”) e *teísmo* (“crença em deus”), sustentando a idéia da crença em um Deus que está em tudo, ou de muitos deuses representados pelos múltiplos elementos divinizados da natureza e do Universo.

Em diversas culturas panteístas, frequentemente a idéia de um Deus que vive em tudo, complementa e coexiste pacificamente com o conceito de múltiplos deuses associados com os diversos elementos da natureza, sendo ambos, aspectos do Panteísmo.

A principal convicção é que Deus, ou força divina, está presente no mundo e permeia tudo o que nele existe. O divino também pode ser experimentado como algo impessoal, como a alma do mundo, ou um sistema do mundo. O Panteísmo costuma ser associado ao misticismo, no qual o objetivo do mortal é alcançar a união com o Divino.

O Panteísmo é também a linha filosófica que mais se aproxima da filosofia hermética do antigo Egito, em que o principal objetivo é fazer parte da conspiração universal (ou conspiração Cósmica).

Pandeísmo

Corrente religiosa sincrética (do grego: *πάν* (*pan*), “todo” e do latim *deus*, “deus”) proveniente da junção do Panteísmo (identidade de Deus com o

Universo) com o Deísmo (O Deus criador do Universo não pode mais ser localizado, senão com base na razão), ou seja, a afirmação concomitante de que Deus precede o Universo, sendo o seu criador e, ao mesmo tempo, sua totalidade.

Como o Deísmo, faz uso de razão na religião, o Pandeísmo usa os argumentos cosmológico, teológico e outros aspectos da chamada “religião natural”. Tal uso se deu entre os disseminadores de sistemas filosóficos racionais, durante o século XIX. Também foi largamente empregado para identificar a expressão simultânea de todas as religiões.

Algumas mitologias, tais como a nórdica, sugerem que o mundo foi criado da substância corporal de uma deidade inativa, ou ser de capacidades similares; no exemplo citado, Odin, junto de seus irmãos Ve e Vili, derrotaram e mataram o gigante Ymir, e de sua carne fizeram a terra, dos cabelos, a vegetação, e assim por diante, criando o Mundo conhecido. Semelhantemente, a mitologia chinesa propugna a mesma estrutura, atribuindo a Pan Gu a criação dos elementos físicos que compõem o Mundo.

Modernamente, Thomas Paine, filósofo britânico, e o naturalista holandês Franz Wilhelm Junghuhn redimensionaram os conceitos sobre Deísmo e Panteísmo em suas obras, introduzindo-as na mentalidade contemporânea.

Em 2001, Scott Adams escreveu *God's Debris* (Restos do Deus), que propõe um formulário de Pandeísmo.

Panacéia

Remédio que curaria todos os males. Panacéia faz parte da mitologia, pois descende de Asclépio, o deus da Medicina, simbolizando a cura universal.

Antigamente, os médicos, quando acabavam de se formar, faziam um juramento chamado de o Juramento de Hipócrates, muito longo, que começava assim:

“Eu juro, por Apolo médico, por Esculápio, Hígia e Panacéia, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue...”

Mais modernamente, entenderam que não fazia sentido jurar em nome de deuses gregos, e a fórmula mudou.

Esculápio era o deus romano da Medicina e da cura. Foi herdado diretamente da mitologia grega, na qual tinha as mesmas propriedades, mas um nome sutilmente diferente: Asclépio (“cortar”).

Segundo reza o mito, Esculápio nasceu como mortal, mas depois da sua morte foi-lhe concedida a imortalidade, transformando-se na constelação Ofiúco. Dentre seus filhos, encontram-se Hígia e Telésforo.

Curiosamente, na província da Lusitânia, Esculápio era especialmente venerado, enquanto em Roma era considerada uma divindade menor.

Pandora

Na mitologia grega, Pandora (“bem-dotada”) foi a primeira mulher, criada por Zeus como punição aos homens pela ousadia do titã Prometeu em roubar dos céus o segredo do fogo.

Em sua criação, os vários deuses colaboraram com partes; Hefestos moldou sua forma a partir de argila, Afrodite deu-lhe beleza, Apolo ofereceu-lhe talento musical, Deméter ensinou-lhe a colheita, Atena concedeu-lhe habilidade manual, Poseidon deu-lhe um colar de pérolas e a certeza de não se afogar, e Zeus, uma série de características pessoais, além de uma caixa, a caixa de Pandora.

“Caixa de Pandora” é uma expressão utilizada para designar qualquer coisa que incita a curiosidade, mas que é preferível não tocar (como quando se diz que “a curiosidade matou o



gato”). Tem origem no mito grego da primeira mulher, Pandora, que por ordem dos deuses abriu um recipiente (há polêmica quanto à natureza deste, talvez uma panela, um jarro, um vaso, ou uma caixa tal como um baú...) onde se encontravam todos os males que desde então se abateram sobre a humanidade, ficando apenas aquele que destruiria a esperança no fundo do recipiente. Existem algumas semelhanças com a história judaico-cristã de Adão (Adan) e Eva em que a mulher é, também, responsável pela desgraça do gênero humano.

Desde que Zeus (Júpiter) e seus irmãos (a geração dos deuses olímpicos) começaram a disputar o poder com a geração dos Titãs, Prometeu era visto como inimigo, e seus amigos mortais eram tidos como ameaça.

Sendo assim, para castigar os mortais, Zeus privou o homem do fogo; simbolicamente, da luz na alma, da inteligência... Prometeu, “amigo dos homens”, roubou uma centelha do fogo celeste e a trouxe à terra, reanimando os homens.

Ao descobrir o roubo, Zeus decidiu punir tanto o ladrão quanto os beneficiados. Prometeu foi acorrentado a uma coluna e uma águia devorava seu fígado durante o dia, o qual voltava a crescer à noite.

Para castigar o homem, Zeus ordenou a Hefesto (Vulcano) que modelasse uma mulher semelhante às deusas imortais e que tivesse vários dons. Atena (Minerva) ensinou-lhe a arte da tecelagem, Afrodite (Vênus) deu-lha a beleza e o desejo indomável, Hermes (Mercúrio) encheu-lhe o coração de artimanhas, imprudência, ardis, fingimento e cinismo, as Graças embelezaram-na com lindíssimos colares de ouro... Zeus enviou Pandora como presente a Epimeteu, o qual, esquecendo-se da recomendação de Prometeu, seu irmão, de que nunca recebesse um presente de Zeus, o aceitou. Quando Pandora, por curiosidade, abriu uma caixa que trouxera do Olimpo, como presente de casamento ao marido, dela fugiram todas as calamidades e desgraças que até hoje atormentam os homens. Pandora ainda tentou fechar a caixa, mas era tarde demais: ela estava vazia, com a exceção da “esperança”, que permaneceu presa junto à borda da caixa.

Pandora é a deusa da ressurreição. Por não nascer como a divindade, é

conhecida como uma semideusa. Pandora era uma humana ligada a Hades. Sua ambição em se tornar a deusa do Olimpo e esposa de Zeus fez com que ela abrisse a ânfora divina. Zeus, para castigá-la, tirou a sua vida. Hades, com interesse nas ambições de Pandora, procurou as Pacas (dominadoras do tempo) e pediu para que o tempo voltasse. Sem a permissão de Zeus, elas não puderam fazer nada. Hades convenceu o irmão a ressuscitar Pandora. Graças aos argumentos do irmão, Zeus a ressuscitou dando a divindade que ela sempre desejava. Assim, Pandora se tornou a deusa da ressurreição. Para um espírito ressuscitar, Pandora entrega-lhe uma tarefa; se o espírito cumprir, ele é ressuscitado. Pandora, com ódio de Zeus por ele tê-la tornado uma deusa sem importância, entrega aos espíritos somente tarefas impossíveis. Desse modo, nenhum espírito conseguiu nem conseguirá ressuscitar.

Peter Pan

O menino mágico que voa sem medo de envelhecer, mas não quer crescer. Peter Pan leva-nos aos gnomos e fadas comuns em histórias européias antigas. Esses “arquetipos”, como Jung deveria dizer, têm reaparecido na “mente coletiva”, mais recentemente como o Sr. Spock. Quando despimos nosso amigo Vulcano (deus do fogo na Mitologia Romana) de seu uniforme *Star Trek*, encontramos a imagem familiar parecida com a do gnomo em um humanoíde de orelhas pontudas com grande inteligência, ou seja, Peter, visto pela ótica mítica do deus Pan, deus dos bosques, da natureza selvagem que habita cada um de nós.

Pan, a carta “O Diabo” no Tarô Mitológico: o encontro com o que há de instintivo, sexual, amoral, cruel e divino. Quando essa carta sai em um jogo, é hora de confrontarmos o medo, de livrarmo-nos das amarras da moralidade, de expandirmos a mente por meio do encontro com o que há de sombra na nossa psique, com o que há de vergonha nos nossos cotidianos vividos, pensados e guardados.

Peter Pan toca sua flauta com nostalgia no filme de Hogan. Sem tristeza, porém. Afinal, ele só pode ter pensamentos felizes, pois só assim se pode voar.

Tomo a liberdade de transcrever aqui o Hino a Pan, do Mestre Aleister Crowley, para que possam ver que não estou “viajando” sozinho...

()Vibra do cio subtil da luz,
Meu homem e afã
Vem turbulento da noite a flux
De Pã! Iô Pã!
Iô Pã! Iô Pã! Do mar de além
Vem da Sicília e da Arcádia vem!
Vem como Baco, com fauno e fera
E ninfa e sátiro à tua beira,
Num asno lácteo, do mar sem fim,
A mim, a mim!
Vem com Apolo, nupcial na brisa
(Pegureira e pitonisa),
Vem com Artêmis, leve e estranha,
E a coxa branca, Deus lindo, banha
Ao luar do bosque, em marmóreo monte,
Manhã malhada da âmbréa fonte!
Mergulha o roxo da prece ardente
No ádito rubro, no laço quente,
A alma que aterra em olhos de azul
O ver errar teu capricho exul
No bosque enredo, nos nós que espalma
A árvore viva que é espírito e alma
E corpo e mente — do mar sem fim
(Iô Pã! Iô Pã!),
Diabo ou deus, vem a mim, a mim!
Meu homem e afã!
Vem com trombeta estridente e fina
Pela colina!
Vem com tambor a rufar à beira
Da primavera!
Com frutas e avenas vem sem conto!
Não estou eu pronto?
Eu, que espero e me estorço e luto
Com ar sem ramos onde não nutro
Meu corpo, lasso do abraço em vão,
Áspide aguda, forte leão —
Vem, está fazia
Minha carne, fria
Do cio sozinho da demonia.
À espada corta o que ata e dói,
Ó Tudo-Cria, Tudo-Destrói!
Dá-me o sinal do Olho Aberto,
E da coxa áspera o toque erecto,
E a palavra do louco e do secreto
Ó Pã! Iô Pã!
Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã Pã! Pã.,
Sou homem e afã:
Faze o teu querer sem vontade vã,
Deus grande! Meu Pã!
Iô Pã! Iô Pã! Despertei na dobra
Do aperto da cobra.
A águia rasga com garra e fauce;
Os deuses vão-se;
As feras vêm. Iô Pã! A matado,*

*Vou no corno levado
Do Unicornado.
Sou Pã! Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã!
Sou teu, teu homem e teu afã,
Cabra das tuas, ouro, deus, clara
Carne em teu osso, flor na tua vara.
Com patas de aço os rochedos roço
De solstício severo a equinócio.
E raivo, e rasgo, e roussando fremo,
Sempiterno, mundo sem termo,
Homem, homúnculo, ménade, afã,
Na força de Pã.
Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã!*

(*Magick in Theory and Practice*,
de The Master Therion, prefácio de
Aleister Crowley, 1929.)

Para finalizar essa pesquisa, concluo que muitos deuses antigos como Baco, Pã, Dionísio e Quíron (este foi uma das figuras mais nobres e inteligentes da mitologia. Em sua origem, Quíron era um deus da Medicina na mitologia tessaliana, mas se tornou um centauro imortal na mitologia grega, que tinha maior aceitação. Apesar de os centauros geralmente serem selvagens e indomáveis, Quíron era exceção. Destacou-se por sua inteligência, e seu conhecimento de Medicina foi legendário) foram representados com chi-

fres. Lembro que até mesmo Moisés foi homenageado com chifres pelos seus seguidores, em sinal de respeito aos seus feitos e favores divinos.

Os chifres sempre foram representações da luz, da sabedoria e do conhecimento entre os povos antigos. Portanto, como podemos perceber, desde tempos imemorráveis os chifres foram considerados símbolos de realeza, divindade, fartura, e não símbolos do mal como muitos associaram e ainda associam. O chifre sempre simbolizou a força de um animal, ou o poder de uma pessoa ou nação.

Sl 89:17 – “Pois tu és a glória da sua força; e no teu favor será exaltado o nosso poder (chifre).”

Lam 2:3 – “No furor da sua ira cortou toda a força (o chifre) de Israel; retirou para trás a sua destra de diante do inimigo; e ardeu contra Jacó, como labareda de fogo que consome em redor.”

Examinando o verso, vemos que o altar e seus chifres eram um. Da mesma maneira que a Sua pessoa e o Seu poder são inseparáveis, conectados, não há nenhum limite para que Deus libere poder quando um sacrifício é feito. Note o que também é ensinado em relação aos chifres:

Ex 29:12 – “Depois tomarás do sangue do touro, e o porás com o teu dedo sobre as pontas (chifres) do altar, e todo o sangue restante derramarás à base do altar.”

Havia poder ilimitado no sangue que foi borrifado nos chifres. Também porque o sangue representa vida, e o sacrifício era um substituto, por causa de um, os pecadores viveriam com Deus. Havia uma união de sangue entre o altar, os chifres e o pecador.

A misericórdia de Deus também é vista aqui:

1Rs 1:50 – “Porém Adonias temeu a Salomão; e levantou-se, e foi, e apenhou-se às pontas (chifres) do altar.”

Os sacrifícios também eram amarrados relutantemente com cordas aos chifres:

Sl 118:27 – “Deus é o SENHOR que nos mostrou a luz; atai o sacrifício da festa com cordas, até às pontas (chifres) do altar.”

Podemos dizer, então, que o Deus, a Grande Mãe e o Deus Cornífero representam juntos as forças vitais do Universo Cornífero. É o mais alto símbolo de realeza, prosperidade, divindade, luz sabedoria e fartura. É o poder

que fertiliza todas as coisas existentes na Terra.

Eu Sou, apenas o que Sou...
Wagner Veneziani Costa

(*N.E.: Hino a Pã; traduzido de *Hymn To Pan*, de Aleister Crowley, por Fernando Pessoa. Sobre o jeito da tradução, indico a leitura da monografia “Hino a Pã”, tradução de Helena Barbas; ela faz uma exaustiva análise das coisas que Pessoa troca, das censuras, etc.; ela diz que as alterações que lhe introduziu a uma leitura literal “não podem ser meramente explicadas por um esforço de poeticidade”.

A tradução foi publicada na edição de julho-outubro de 1931, de *Presença*.

Fontes:

<http://www.cranik.com>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pandora>

[http://](http://www.desejosesonhos.hpg.ig.com.br/pandora.htm)

www.desejosesonhos.hpg.ig.com.br/pandora.htm

[http://pt.wikipedia.org/wiki/](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tup%C3%A3)

[Tup%C3%A3](http://www.emporiowicca.com.br/deus.htm)

<http://www.emporiowicca.com.br/deus.htm>

Créditos:

Primeira ilustração: Rosaleen Norton

POESIA

Pedra Bruta

Homem que aspiras ter, antes de saber ser,
Medita no valor da planta que dá fruta,
Por compreender o som do malhete a bater
No cinzel, que desbasta a rude pedra bruta.

E, jamais te envergonhe a tua imperfeição,
Pois ela, é que te traz poder de ver a luz;
Por ela, encontrarás a paz na religião
Que nos ensina a amar de Judas a Jesus.

Não chores tua dor, por mais que a vida a traga,
Nem escondas a mão, por ler alguma chaga,
Que a colheita da flor,
também nos dá o espinho.

Quem quiser ver a luz, tem que fugir da trevas
Pois que, viver no céu, é, a vida que se leva
Ao repartir o pão aos
pobres do caminho.

Irmão Lacerda Junior
da Academia Paulista Maçônica de Letras

HOMENAGEM AO EDITOR

Caro Irmão Carlos Brasília Conte,

Para mim, foi muito fácil auxiliar na publicação das 37 edições do jornal Nova Era Maçônica, praticamente sem esforço algum de minha parte, pois tendo você sempre à frente, editando os textos, imagens, ficamos muito tranqüilos quanto à qualidade do trabalho porque, além do amor depositado por você, éramos conhecedores de seus profundos conhecimentos.

Ao amigo e Irmão, meus profundos e sinceros agradecimentos por ter convivido com sua pessoa no jornal Nova Era Maçônica e também, nesses últimos anos, tendo-o como Venerável da Loja Madras 3359, onde desempenhou um papel fundamental fazendo com que ela, durante seus seis anos de existência, tivesse uma gestão plena de grandeza e sabedoria. E esse agradecimento não é só meu, mas de todos os Obreiros do Quadro de nossa Loja.

Parabéns pelo seu trabalho e dedicação à nossa Sublime Ordem. Conte sempre com o meu apoio incondicional!

Wagner Veneziani Costa

Grande Secretário de Cultura e Educação

Maçônicas do GOSP (2003-2007)